JUDITH

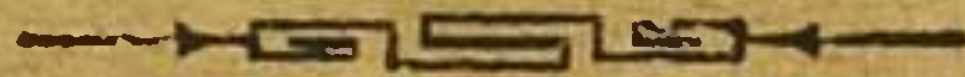
E LAGRIMAS DE UM CRENTE

ADOLPHO CAMINHA

JUDITH

E

LAGRIMAS DE UM CRENTE

(CONTOS)

RIO DE JANEIRO
Typ. da Escola de Serafim José Alves
83 RUA SETE DE SETEMBRO 83
1887

A MEU PAI

Il'y a dans un mariage malhe-
reux une force de douleur qui
depasse toutes les autres peines
de ce monde.

M. de Stael

JUDITH

I

JUDITH morava a meu lado, em uma das ruas mais pittorescas do Rio de Janeiro, a rua de..... ; foi minha estimavel visinha por espaço de mais de um anno : conheciamo-nos de vista, comprimentavamo-nos da varanda com um leve movimento de cabeça. Quando eu vejo uma mocinha de olhos inquietos, cabellos negligentemente cahidos sobre os hombros, faces entre o descorado de uma camelia e o vermelho côr de rosa, penso na engraçada rapariga da rua de.... Lembro-me da historia ignorada d'essa flor em botão bem cedo arrebatada á haste pelo sopro do vendaval.

Vi-a pela ultima vez á Matriz da Gloria e quasi não conheci-a, coitada! tão mudada estava.

Comprimentamo-nos ainda uma vez. Ao ver-me ella chorou; por debaixo do véo negro que cobria-lhe o rosto empallidecido, vi-a enxugar uma lagrima. Quem sabe? talvez lembrara-se do passado...

Judith estava só e de luto.

Quem quer que observasse por um momento o semblante d'aquella moça, toda vestida de preto, a cabeça baixa coberta por um d'esses véos compridos de seda de que usam as viuvas, veria n'aquelle todo bello e sympathico o anjo da desgraça ajoelhado aos pés de Deus!

Acabada a missa eu sahi e ella tambem. Nunca mais nos vimos.

Passando outro dia pela rua de.... onde morava n'outros tempos, observei que alguem occupava a antiga habitação de Judith. Na rua as crianças brincavam de velocipedes e, lá em cima, no sobrado, uma mocinha vestida de branco parecia ter o pensamento concentrado em alguma ideia intima, engolphado o olhar na primeira estrella que acabava de apparecer do lado do nascente, a cabecinha entre as mãos. Nem dava attenção aos gritos e gargalhadas das

crianças. Aquelle extasis tranquillo de uma mulher diante de uma estrella, ás Ave-Marias, á hora em que os corações transbordam de saudade e tristeza, tinha alguma cousa de sublime que viera despertar na minha alma vagas reminiscencias dos tempos idos.

Davão sete horas quando recolhi-me. Era no inverno. A neblina, como nas cidades Européas, começava a cahir, e á luz do candieiro, sosinho em meu quarto de estudante, tomei da pobre penna abandonada sobre a meza e comecei a escrever a vida d'essa infeliz creatura durante o tempo que foi minha visinha.

II

A RUA de... é talvez a mais despovoada do Rio de Janeiro. Sem linha de bonds, situada aos pés de uma montanha, os elegantes chalets que a ornam de um extremo á outro lembram uma cidade Allemã com toda a sua simplicidade. De manhã, até as oito horas, seus habitantes dormem ainda e só quando a vacca de leite dá signal, é que no portão ou á janella, surge uma cabecinha dourada, ainda em desalinho, esperta e curiosa, que logo entra cantarolando.

A' tardinha, á porta dos chalets, reunem-se em agradavel palestra homens e mulheres, velhos e crianças, que entre risadas e baforadas de fumo passam alegremente o resto da tarde. Era naquella rua, assim tão afastada da cidade, tão pittoresca e cheia de encantos, que eu e ella moravamos; foi alli que a vi, foi alli que a conheci em toda a sua mocidade e belleza.

A principio, aquelle rostinho agradou-me excessivamente: não o trocaria por todos as moças bonitas de Botafogo e Larangeiras, aquelle mimo. Depois.... tudo se esvaiu, todas as minhas esperanças perderão-se no mar dos desenganos: a moça era casada. Casada! pensava eu, e tão moça! Quem será o possuidor d'aquella joia? Não tardou a triste realidade; a figura obesa do marido de Judith surgiu á varanda exotica, ridicula. Será possivel, meu Deus! foi o meu primeiro brado de indignação.

— Falla baixo, disse-me um amigo, que admirava comigo a belleza da moça; podem ouvir-te....

— Mas, o que me dizes tu?

— Digo-te a verdade. Eis alli o commendador Soares, abastado fazendeiro de S. Paulo, casado pela terceira vez.

— O que?

— Ah! Ah! Quemal te fez o commendador?

— Não o fez só a mim. Fez mal á toda a humanidade e até á Deus. Um velho!...

Realmente eu estava emocionado.

Aquelle anjo de candura, aquella alma tão jovem, tão innocente, afigurava-se-me n'aquelle instante uma andorinha nas garras de um tigre. Soube depois que Judith era orphã, pobre, e

que um seu irmão, que então morava com o commendador, levado pela cobiça, attrahir pelo brilho falso do ouro, fôra o unico auctor d'aquelle casamento incivíl, contra todas as leis da natureza e até da moral.

O ouro! o ouro é tudo.

E sempre que eu de minha pobreza admirava a visinha á colher rozas no jardim, emquanto o commendador lia o jornal, a inveja, sim, a inveja, invadia-me a alma; eu sentia profundamente não poder dizer n'aquelle instante como um Creso:—Senhor commendador, tome lá mil contos e dê-me essa flôr, ande: vá tomar conta de sua fazenda que está sendo invadida pelos barbaros do abolicionismo.

De manhã, eu ja sabia, ella, a doce Judith, arregaçava suavemente o cortinado da janella do seu quarto de dormir e, sacudindo os cabellos para traz, punha-se á regar um pé de dhalias que estava sobre a janella.

Deixa-te dizer, leitor, sem que leves á mal, muitas vezes da janella do meu quarto eu vi desabotoar-se insensivelmente o roupão branco de minba visinha e, sem que ella percebesse, apparecer uma nesguita de seio branca como a neve, macia como a petala de uma rosa ; depois, ella descia ao quintal e como um colibri, como

uma borboleta, ia beijando as flôres, as flôres, que a contacto de seus labios de seda tremiam na haste em fremitos de indisivel alegria. Algumas, as mais voluptuosas, deixavão cahir petalas que a moça apanhava para enfeitar os seios. Oh! quantas vezes não desejei eu ser um narciso! Como não seria sublime sentir os dedos rosados da menina esposa arquearem-se delicados para me tocar! Quantas vezes não me lamentei por ser homem, esse ente tão disforme ante uma flôr! Ah! Judith, si souberas o quanto eu soffria ao ver-te languida, distrahida, a conversar com as flõres, bella no teu scismar talvez doloroso, resvalando o olhar, ora no azul sem mancha, ora no pello macio de tua amiga inseparavel, eu creio fugirias das mãos do commendador para attirar-te nos meus braços.

Judith tinha uma galga da Hungria, unica herança de sua mãe, que era todo o seu amor e, fosse onde fosse haveria de leval-a comsigo. Si accaso tinha de fazer alguma compra na cidade, lá ia a formosa Nina, toda cheia de amor e satisfação no collo de sua dona, ora lambendo-lhe as delicadas mãos, ora ameigando-lho o sorriso com os seus olhares ternos e reconhecidos. O amor quando é verdadeiro é o mesmo no homem como no animal.

Si Judith apparecia á janella, rompia no quintal a musica das aves um côro esplendido; os roxinoes já a conhecião e os pombos conchegando-se uns aos outros, soltavam surdos arrulhos á beira dos telhados. Ella como que comprehendia toda aquella festa e abaixando a cabeça, modesta porque era bonita, estendia a mãosinha á sua amiga que tambem confundia-se toda em caricias. Não sabia a moça que um indiscreto, um espião, não deixava passar despercebido um só dos seus movimentos.

E não havia temer. A belleza não se esconde — é para se admirar. Eu admirava tanto mais porque n'aquelle semblante de criança alguma cousa me vinha lembrar a desgraça. Durante o tempo que morei ao pé de Judith nunca vi de seus labios um sorriso! Um dia vi-a chorar; a galga, commovida pelas lagrimas de sua querida dona, chorou,e eu que espreitava escondido tanta tristeza, tantas lagrimas, leitor, has de acreditar, tambem chorei.

E quem não o faria em meu lugar?

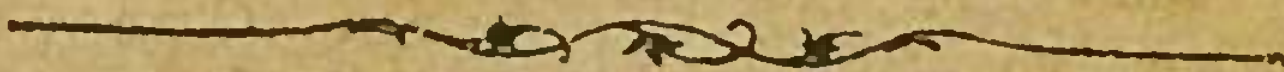
O pranto sincero, aquelle que sobe do coração a desabrochar nos olhos, é magnetico: quem o vê—chora; mas, perguntava eu a mim mesmo, o que affligirá tanto aquella alma tão pura, tão innocente? Lembrar-se-ha ella de

sua mãe, dos saudosos tempos de sua infancia em que, mesmo na pobreza, experimentara tantas vezes o sopro consolador da esperança que trazia-lhe o alento e a resignação sagrados pelos labios de Deos? Sentiria aquelle anjo o ver-se subjugado por um desconhecido sem amor e alem de tudo ignorante? Certo que sim.

Percebia-se em seus olhares o desprazer, em suas lagrimas a dôr profunda. E ella tinha razão; um coração de vinte annos não póde viver sem amor. Judith sabia que era moça, que existia, lá fóra, um mundo de prazeres; sabia que, si não fosse o seu cruel irmão, ella talvez seria feliz nos braços de alguem que lhe soubesse comprehender, e tudo isso a contrariava.

— Que tem você, minha bella, disia-lhe as vezes o commendador com o enorme lenço de tabaco entre os dedos; o que tem que anda tão triste? Não lhe faço eu todas as vontades? O que mais quer? Já sei, accrescentava batendo-lhe no hombro, já sei. Sente não ter se casado com algum deputado ou diplomata, um homem cujo alta posição social lhe tornasse notavel.... mas, o que quer? Seu irmão assim o quiz....

Quanto não doerião aquellas palavras no intimo de Judith!

Taxar-se-lhe de ambiciosa, de vaidosa, a ella que durante toda a sua vida desconhecera a sociedade! A ella em cujo coração jamais penetrara sombra alguma.

Ao ouvir de seu marido aquellas palavras ditas tão friamente, tremiam-lhe os labios, um calafrio horrivel atravessava-lhe todo o corpo, dir-se-hia que a menina tinha medo d'aquelle homem. A flôr treme e oscilla ao approximar-se-lhe o insecto destruidor.

E Alberto? O que é feito d'esse depravado, d'esse irmão sem alma?

Agora que a pobre irmã é rica, agora que o dinheiro cahe-lhe nas mãos aos punhados, elle pouco se importa com o resto. Corre como um louco ao torvelhinho da sociedade. Esbanja sem trepidar toda a riqueza do Commendador pelos theatros. Uma vez o vi ao redor de uma meza do Sant'Anna, a declamar, a gritar, ebrio e tresloucado; as mulheres de má vida riam-se d'elle passando e os homens apontavam-no com o dedo, como si elle fosse algum objecto importante, uma cousa rara e custosa.

— Vai, dizia-lhe o Commendador ao vêl-o sahir de casa, estás na idade, Si não fizeres, quem o fará por ti? E's moço, bonito e cheio de vida, corre, portanto, em busca do prazer.

Monstro! nem pensava que Alberto não era mais que um dissipador, uma sanguesuga á chupar-lhe o sangue dia a dia! A ignorancia porém era tudo e elle possuia o que tanto almejara, possuia Judith.

III

UM dia, era domingo, o Commendador Soares almoçava.

A' sua direita estava a moça, cabisbaixa e, como sempre, triste e pensativa. Apenas tocava de leve na refeição e cruzava o talher com gesto que bem indicava indisposição, emquanto do outro lado Alberto entornava pela terceira vez um copo de Bordeaux, com todo o seu costumado cynismo. Não lhe passava um prato incolume. Provava de tudo.

A cabeceira o Commendador, molemente recostado, a barba ainda salpicada de molho de gallinha, mastigava e lia ao mesmo tempo o «Jornal do Commercio»: parte Commercial, cambios etc. Davão dez horas no relogio grande da sala de jantar, quando soou a campainha.

— Corre moleque, vai ver quem bate. grita o velho tirando os grandes oculos e suspendendo a leitura. Si fôr alguma visita, alguma familia.... dize-lhe que não estou em casa.

— E' talvez, o entregador da « Revista Illustrada », atalhou Alberto, tomando o guardanapo e limpando os bigodes. Tambem pode ser o carteiro.

N'esse instante Judith, sem dar attenção á conversa dos homens, estendeu a mão cheia á sua amiga a galga.

Os dois, o Commendador e Alberto, discutiam ainda o que significaria o toque da campainha áquella hora, quando entrou o creado trazendo uma carta que entregou ao *senhor*. O velho collocou os oculos e leu em voz alta:— Urgente.

—Urgente ! repetiu Alberto espichando-se sobre a mesa.

— « Meu irmão, continuou lendo o Commendador, depois de aberto o envelope, n'este momento, mais que em nenhum outro, torna-se necessaria a tua presença aqui. Os negros acabão de tramar uma revolta em parte levada a effeito. Já prendi cinco dos auctores que devem a estas horas se achar na cadeia velha. Mandei surrar vinte dos outros. Vem, ainda que tenhas de voltar logo. Achamo-nos ameaçados. A Quiteria tem passado mal. Hontem doerão-lhe bastante as pernas, o diabo do rheumatismo não

a deixa; geme toda a noite. Vem e Deus te traga.

Teu irmão

VICENTE SOARES.

Fazenda de S.... 1879. »

Eis ahi toda a carta que o Commendador leu sem interromper-se. A cada *vem* do Vicente, um sorriso hypocrita subia aos labios de Alberto que mostrava fundo interesse pela carta. E' que a ausencia do Commendador ia talvez influir no seu modo de viver.

— E esta! exclamou admirado o Commendador. Malditos negros: que mil raios os partão a todos! Irei, irei canalhas; mas, preparem o couro; heide soval-os até ver espirrar o sangue!

O homem havia se alterado com a leitura da carta. Sahir de seus commodos para cuidar de escravos! elle, o maior amigo da paz e do socego! Isto só a páo, a muito vergalho!

— Quem sabe, disse Alberto, com a fleugma que lhe era peculiar, um dia é, talvez, bastante.

— Seja embora uma hora. O Vicente bem podia fazer o meu papel; para isso lhe confiei eu todos os meus bens da fazenda.

A's 11 horas o almoço estava terminado e no dia seguinte ao amanhecer,no primeiro trem, o Commendador Soares deixava a Côrte em companhia do Joaquim, seu pagem.

O velho ia realmente contrariado ; lia-se-lhe no rosto, nos gestos, o despeito; ao primeiro gavroche que gritou-lhe ao ouvido á porta da Estação:

— « Seu freguez, quer bala ? Gazeta, Jornal e Paiz ! »

Elle respondeu com um *não* capaz de fazer ouvir um surdo.

O garoto, entretanto, riu-se e continuou á atalhar os passageiros, que, envolvidos em grossos sobretudos, a tradiccional malinha de viagem em uma das mãos, se apressavão em tomar o trem que já havia apitado.

— Anda Joaquim, gritou o Commendador ao moleque. Que lesma ! e mudando de tom : Ah ! seu Vicente, seu Vicente, que viagem forçada !

Quando o ultimo signal fez-se ouvir já o nosso viajante havia tomado lugar no primeiro carro, e, em breve, deixando atraz de si caprichosa fita preta de fumo, n'uma velocidade vertiginosa, o trem voava caminho de S. Paulo.

O Commendador Soares, pretence ao grupo

dos homens sanguineos-nervosos e que á toda a hora estão se irritando por tudo, mas, que, passado o primeiro instante, voltão á sua calma habitual. Foi o que lhe aconteceu em pouco tempo. Aos solavancos do wagon que parecia caminhar sobre pedras, de um lado o campo, o gado pastando, ao longe, o ceu azul, as montanhas, tudo isso influiu no seu espirito.

O campo é o melhor conforto ás almas que soffrem. Se bem que o Commendador não fosse nenhum poeta, um d'esses entes que só vivem de contemplação, entretanto como que os quadros da natureza sempre tão variados e deliciosos, ião-lhe enchendo a alma de um não sei quê de vago, recordação e saudade de sua chorada mocidade. Os pensamentos invadião-lhe o cerebro. Elle pensava nos bellos dias de sua meninice em que corria pelos campos atráz ás borboletas, pensava em Judith, e, assim, perdido n'um mar de scismas, via as arvores, as casinhas espalhadas pelo campo e as montanhas passarem ligeiras, impetuosas. Era o trem que já não corria voava....

O ar puro dos campos traz d'esses deslumbramentos. Em meio a viagem o commendador foi despertado por uma voz que lhe chamava e por uma mão que lhe tocava o hombro.

— Soares! Você por aqui? Temos novidade lá para as bandas da fazenda?

— Oh! Conselheiro, foi a resposta do Commendador á um velhinho de luneta, baixo, de barbas brancas como o algodão, já meio corcunda.

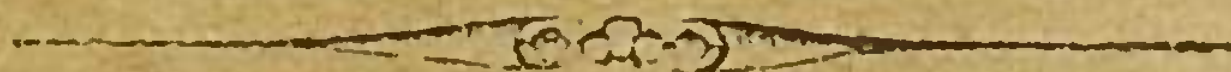
Havião sido contemporaneos quando moços e, depois de uma ausencia de dez annos, vinhão encontrar-se casualmente no trem. O Conselheiro conheceu o Commendador por ouvir o conductor que dizia a um seu companheiro, apontando para este: Ali está o Commendador Soares, uma fortuna de quasi mil contos, casado com uma rapariga de vinte annos. Dizem que é um primor essa terceira metade do Commendador.

E' tempo de voltarmos á rua de ..

Deixemos que Soares prodigalise ao Conselheiro todas as suas boas maneiras. Uma viagem sem companheiro, por menor que ella seja é incipida, monotona, inqualificavel.

O Commendador sente-se feliz, muito feliz, ao lado do seo velho amigo.

Deixemo-los conversar á vontade.

IV

A PARTIDA quasi repentina de Soares mudara de alguma maneira a situação não só de Judith como tambem de seu irmão.

Ao deixal-a, ainda no leito, elle dissera:

—Tem paciencia, florsinha, eu voltarei.

E ella, apenas o viu desaparecer, ergueu os meigos olhos ao céo como supplicando e murmurou:

—Graças á Deos !

Indubitavelmente a auseneia d'aquelle homem fôra como uma estrella que raiara no céo sombrio de sua existencia. Ao ver-se só, sem aquelle velho que só lhe podia causar repugnancia, um sorriso angelico despontou no coral de seus labios. Assim era necessario.

Mas, que differença entre Judith e o seu irmão ! Que distancia entre aquellas duas almas filhas de um mesmo amor ! Uma era a castidade, a pureza em pessôa, era Judith em todo a sua belleza; outra a perversidão, o egoismo. Atravez da barba negra e despenteado de Alber-

to; n'aquellas faces vermelhas, estampava-se o vicio no que elle tem de mais hediondo.

Entretanto, elles se parecião. Havia no olhar incerto e brilhante de Alberto um raio do olhar sereno e magestoso de Judith. Um, porém, assemelhava-se a um lago calmo e silencioso onde reflecte-se a estrella da manhã, outro, oscillante entre as sobrancelhas, tinha o ar de um pantano, era um olhar de ebrio.

Em casa do Commendador ficarão em companhia de Judith alem de seu irmão, uma criada de sua confiança e alguns escravos.

Alberto passava todo o tempo fóra e só recolhia-se alta noite, quando todos já dormião.

Judith apparecia com mais frequencia á janella da frente da casa e entre um beijo e um sorriso afagava no collo a sua estimada Nina :

— Vem minha negra, disia beijando-lhe, vem. Tu, sim, sabes corresponder á minha amizade. Eu vejo em ti a imagem pallida de minha mãe que te amava tanto !....

O innocente animalsinho ouvindo aquellas palavras tão verdadeiras, tão sahidas do coração de sua dona, olhava-a, olhava-a e depois lambia-lhe as mãosinhas : era toda a sua recompensa. Assim vivia Judith desde que o Commen-

dador partira. A fama de sua belleza enchia a rua de.... e quando se tratava de moças bonitas ella era a primeira entre as primeiras. Ouvi uma occasião o seguinte dialogo :

Mette pena, dizia uma velha, e se eu fosse homem roubava-a das mãos d'aquelle bruto.

— Ora, vovó, atalhou uma lourita espevitada; nem tanto assim. A Julinha do tio Ignacio é mais bonita, toca e canta o que não faz a tal Judith.

— Cala a bocca, menina. Não sabes o que estás dizendo. O que tu queres sei eu, minha sonsinha, mas, não pilhas. Ah ! meninas, meninas ! ... No meu tempo não se via d'isto; não havia preferencias entre ás moças. Todas erão bellas.....

Passou-se o primeiro, o segundo dia e o Commendador não voltava. No quarto dia Alberto recebeu uma carta nos seguintes termos:

«Meu cunhado

Aqui cheguei sem a menor novidade. As cousas melhorarão com a minha presença; já não se falla tanto em conspiração; comtudo, creio, não voltarei já. O Vicente insta pela minha demora e quer por força que eu fique para o S. João que ahi vem. Não lhe convido a vir passal-o commigo porque isso nada te-

ria de agradavel para sua irmã. Tenha pois paciencia.

Seu cunhado e amigo Soares»

P S. Ahi vão duzentos mil reis para as despezas miudas. Si precisar mais lhe mandarei.»

— Magnifico ! exclamou Alberto atirando para o lado a bemaventurada carta. Sabes, mana ?

— Que é ? respondeu Judith correndo para perto de seu irmão.

— O Commendador fica para o S. João.

— Ah !... disse a moça abaixando a cabeça.

Alberto á nada attendia. Attirava-se sofrego de prazeres á tudo quanto era divertimento, emquanto que a sua fama de libertino crescia.

Era um esbanjar sem limites; todo o dinheiro que lhe cahia nas mãos desaparecia como por encanto, muito vezes entrava cambaleando em casa.

— Não faças isto, dizia-lhe carinhosamente a irmã. Lembra-te de que estás manchando o nome que tão honradamente herdámos dos nossos paes. Lembra-te de nossa bôa mãe, dos seus conselhos...

Alberto ao ouvir aquellas palavras punhase a scismar, muitas vezes uma lagrima rolou-lhe na face. O seu coração de moço, estragado pelas

paixões mundanas, como que sentia-se purificar. Era como uma restea de luz n'uma caverna escura. Elle sentava-se ao lado da moça, tomava-a pela cintura e olhando-a como interrogando o seu semblante—chorava. E' que no rosto de Judith o homem abjecto, o máo irmão percebia traços do rosto de sua mãe morta; elle via-a em toda a sua perfeição a pedir-lhe que trabalhasse como homem que era para sua felicidade. Então, alguma cousa de bello pairava sobre a fronte de Alberto. Elle desejaria ajoelhar-se aos pés de sua santa irmã e beijando-lhe as plantas pedir mil perdões.

— Não; não quero que faças isso, disia-lhe ella vendo-o chorar. Não foi para te ver n'este estado que te vim lembrar a sagrada memoria de nossa mãe: O que eu quero é que fiques commigo em casa, que não saias senão para o trabalho, sim ?

— Sim, respondia o moço, tremulo e como se fosse á sua mãe. Sim minha mãe, eu fico...Jamais teu filho ingrato te deixará só. Tenho sido bastante cruel, eu sei....

Aquellas scenas tão repetidas ás vezes tocavão o sublime. Mas, palavras a gente as esquece.

Vinha depois á noute e Alberto esquecia

tudo para só pensar na rua, nas amantes. Não tinha um amigo que lhe dissesse: pára! quando elle caminhasse na senda do vicio. Seus amigos, os maiores perdidos, aproveitavão-se da sua riqueza para satisfação dos seus caprichos.

Mais de uma vez elle havia levado á casa um d'esses seus companheiros: um rapazinho magro rachitico e macilento, o typo, emfim, do libertino gasto. A primeira vez que esse moço apparecera em casa do Commendador Soares foi n'um sabbado.

— Apresento-te aqui o meu amigo Edmundo B....,disse Alberto á Judith. Moço de muito bôas qualidades, filho do Barão de S....bastante conhecido n'esta Côrte e que vem nos dar a honra de jantar hoje comnosco.

Judith estendeu a mão áquelle novo personagem, murmurando simplesmente: «Senhor Edmundo....

E' preciso dizer, o filho do Barão de S.... com toda a sua pallidez, era um d'esses rapazes raros em belleza.

— Magnificos dentes teus tu, dizia-lhe as vezes Alberto. Não os excediam em brancura os do Visconde de Chateanbriaed. Palavra como nunca vi bigodes tão lusidios, sombrancelhas tão negras!

— Bonito moço ! Sympathico rapaz dizião as moças vendo-o passar.

Mas, de que vale a belleza do senblante sem a belleza d'alma ?

Um homem feio, um Quasimodo, não precisa da belleza material para ser adorado quando possue um coração bello.

Edmundo, repetimos, era da uma belleza rara, mas, da uma devassidão ainda mais rara. Nem o formoso Child, o peregrino, nem o louro Rolla, o suicida, lhe assimelhavão. E aquella belleza extraordinaria era-lhe como a famosa guitarra dos Don Juans a attrahirem com o seu canto mavioso e melancholico as innocentes donzellas. Elle conquistava mulheres de todas as castas e o ouro escorria-lha das mãos em borbotões, como agua.

Edmundo jantou, pois, n'esse dia com Alberto, retirando-se á noute, sempre affavel, sempre jovial.

—A senhora deve passeiar, disse elle despedindo-se de Judith ; ha tão bellos passeios n'esta cidade. Si não, temos o Petropolis das moças galantes...

—Eu sou pouco amiga dos passeios, respondeu a menina no mesmo tom com que fallava a todos. Prefiro antes estar em casa.

Aquella primeira visita em nada influiu no espirito abstracto da mimosa esposa do Commendador. No dia seguinte Edmundo não se fez esperar de novo ao lado de Alberto. Demorou-se mais n'esse dia. Conversarão sobre bailes, theatros, etc. Edmundo acabou narrando espirituosas aventuras de sua ultima viagem a Europa. Disse que fôra á Italia, fallou no Tasso, nos amores de Eleonora, em Carlos Gomes com quem estivera em Milão ; que vira Veneza, Napoles e citou a conhecida phrase tão lisongeira á bella cidade :—«Veder Napoli e poi morir.» Disse mais que viu a França e Inglaterra, a Allemanha e que, finalmente, em todos esses paizes nunca vira mulheres tão bellas como na Hespanha.

—A senhora não imagina, dizia elle, que noites deleitosas passei eu em Valladolid e Granada !

Duranto toda a conversação a moça conservou-se calada, balbuciando monossyllabos quando se lhe interrogava. A sua imaginação encantada pelas bellas descripções do moço, voava ao velho mundo e contemplava admirada as suas bellezas.

—Como deve ser sublime, imaginavaJudith, a gente percorrer todo esse mundo de maravi-

lhas nos braços de quem ama ! Como a vida não correria deliciosa entre tanta belleza !

Pobresinha; ao tempo mesmo pensava que já não era a mesma de outros tempos, que já não podia correr pelos campos como uma louquinha: era escrava antes de ser senhora.

Quando o filho do Barão de... retirou-se erão já dez horas da noite.

— Não te esqueças, hein ? gritou o irmão de Judith ao amigo que sahia. Amanhã vem para irmos ao theatro. A Rivero lá está.

Quando já não se ouvia as pisadas de Edmundo na escada e tudo em caza era silencio, Alberto voltou para onde estava Judith e correndo-lhe a mão pela cabeça disse-lhe :

Então, que dizes do meu rapaz, gostaste de ouvil-o conversar ? Mas, agora vejo... o que tens ? estás triste !

Não .. E' o somno. . .

— Bem, não te quero ser importuno; vai te deitar e sonha commigo, ouviste ?

Os dois se afastarão, cada um para seu aposento, e dentro em pouco todos dormião em casa.

V

QUE é feito do Commendador ?
Como se tem havido longe, ao lado de seus
rmãos ?

E' do que vamos nos occupar. Para isso,
eitor, transportemo-nos n'um vôo á S. Paulo.

Ao chegar o nosso homem á Estação acom-
anhado do muito fiel servo, lá esperavão o Vi-
ente, alguns negros e alguns cavallos.

— Virá, moleque ? interrogava o Vicente
rocurando descobrir entre os passageiros que
trem despejava o chapéo de palhinha do Chile
o seu irmão.

Todos sabem o modo de vestir d'esses *senho-
res* d'escravos.

Em geral um longo e estragado par de bo-
as de cano ornado das respectivas esporas, um
hapeo de palha de abas largas, uma capa sobre

o hombro e um chicotinho na dextra, as mais da vezes se os vê sobre o dorso roliço do seu fogo so alazão ou no terreiro da fazenda a dirigir feitor nos trabalhos ruraes. O Vicente, conhece dor profundo do genio do seu irmão, fôra espe ral-o á estação, tres leguas distante da fazenda

— Eil-o alli, gritou elle de repente vend o Soares que acabava de apeiar-se. Como est gordo!

Os dois irmãos em pouco se ajuntarão depois dos abraços e das acclamações do estyl pozerão-se a caminho cada qual no seu animal para não dizer no seu igual. O Joaquim, reu nindo-se aos velhos companheiros, seguiu sobr uma mulasinha baia.

Ao cahir da noute, á luz do ultimo raio d sol, a casa da fazenda alvejou no extremo do ca minho.

A viagem da Estação á fazenda fez-se insen sivelmente. Os moleques conversarão sobre conspiração e o Joaquim, muito pimpão entre o companheiros e assumindo uns ares de criado d primeira classe, não sabia como responder a to das as perguntas. Na frente os dois irmãos tam bem fallavão da revolta dos negros, da ultim safra de feijão e de outras cousas, para elles d muito interesse. Quando a casa despontou n

trada os cavallos apressarão instinctivamente os
ssos, escorrendo suor de cançados. Ao anoite-
r todos se achavão em casa.

Ao redor d'uma meza onde fumegava o café
eparado á ultima hora, o Vicente, o Commen-
dor e a mana Quiteria expandião-se em narra-
ões alegres. A Quiteria era a mais falladeira. Ti-
a lingua de um palmo, na phrase dos moleques.
ntes de continuarmos permitta-se-nos duas pa-
vras sobre a sala onde se acha reunida a familia
pares e sobre o typo muito conhecido nos sertões
a dona da casa. Dona Quiteria era uma d'essas
atronas impertinentes e severas para os cria-
os de casa.

Baixa e cheia de corpo, alguns fios brancos
omeçando a pratear-lhe a cabeça, as mangas
o casaco quasi sempre arregaçadas e as mãos
ordurosas, um largo vestido de chita encarnada,
is o typo d'essa fazendeira. Bem se poderia clas-
ifical-a entre os *bichos de saia*. Não se dava um
asso errado em casa. Tudo alli andava direitinho
omo um fuzo, ao contrario D. Quiteria era
oda raiva, toda furia e com os cabellos em de-
ordem e o cabo de vassoura em punho corria
omo uma louca pelo meio da casa a descobrir
criminoso, o patife.

— Desaforo! berrava ella se accaso quebra-

va-se um prato na cosinha, parece que trazem luvas ! Ah ! negros, negros !

E sahia como uma cobra chocalhando a pedir providencias ao Vicente. Si via o feitor de vergalho em punho, a açoutar um pobre escravo que se debatia no tronco, era primeira a gritar :—Assim, fogo ! Arre canalha !

Era o diabo a tal D. Quiteria; jamais se foi tão hypocrita.

A' noute antes de se deitar, depois de haver mandado Joanna, a sua criadinha predilecta, lavar-lhe os pés em agua morna, ella tomava do rosario e desfiando as contas uma por uma, erguia os grandes olhos ao tecto, resmugando baixinho os Padre nosso e as Ave Marias—O seu quarto de dormir era um verdadeiro nicho não havia um canto sem um santo, uma imagem de S. Francisco ou outro qualquer ! creio que só não havia alli a de S. Benidicto.

Não creio n'esse Santo, dissera ella torcendo a bocca. Santo negro ! Não póde ser.

D. Quiteria porêm não ia á missa ; desculpava-se dizendo que Deus havia de perdoar-lhe, que a culpa não era d'ella, que o seu rheumatismo não a deixava dar um passo, a maldicta doença. O Vicente era maio callado, mais prudente mesmo. Fazia toda a barba. Na Côrte passou

diversas vezes por padre e actor comico; ao contrario de seu irmão, elle era magro esguio, mas forte e disposto.

— Todos nós somos assim, dizia elle, quando se lhe admirava a saúde. Meu pae morreu na Beira com 80 annos e minha mãe com 85.

A sala de jantar onde se achava a familia era simples e vasta.

De janellas para o terreiro, dava uma das portas lateraes para um alpendre fresco e arejado d'onde se descortinavam magnificas paysagens. Pelas paredes vião-se pendurados diversas utensilios de caça.

Era alli que a familia costumava passar as noutes de verão.

Chupava-se canna, colhidas alli mesmo na fazenda e attirava-se os bagaços a uma chusma de porcos, bacuris e gallinhas, que n'um grunhir e cacarejar infrene, ião disputando os ultimos bocados d'aquella ceia campestre.

Feitas as devidas honras ao café os nossos personagens, á frente da pezada D. Quiteria, dirigião-se ao terrasso. A noute estava magnifica como só as ha no Brazil.

As ultimas notas da Oração da tarde entoada pelos negros no terreiro perdião-se distante e a lua cheia derramava em toda a fazenda uma

luz doce e bôa que ia avivando o coração de todos memorias inextinguiveis. Fazia algum frio.

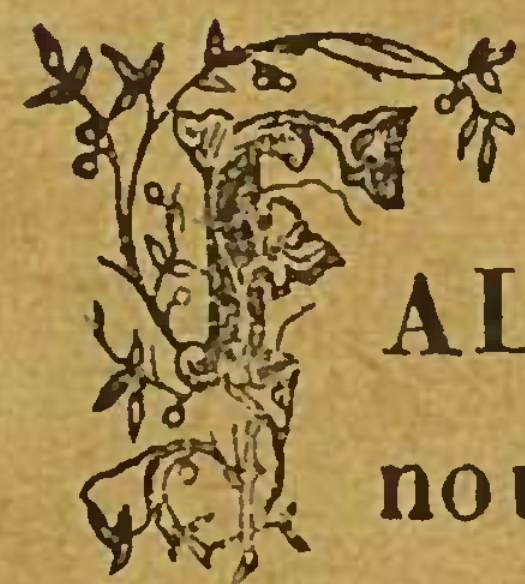
Erão proximidades de S. João e o inverno chegava. Os vagalumes surgião das moitas, o sereno cahia pelas quebradas dos montes e no meio d'este silencio frio da noute ouvia-se uma cantiga triste e suave. Lá dentro, na senzala, uma escrava embalava no collo o seu primeiro filhinho...

Era um quadro realmente digno de um pincel de mestre aquelle da pobre mãe adormecendo o fructo do seu primeiro beijo.

Pobre criança! Antes houvesses nascido morta! N'essas faces lizas, tão respeitosamente beijadas por tua mãe, hade mais tarde beijar a ponta do chicote.

Era meia-noute quando, cercado de todos os cuidados, o Commendador adormeceu no bem preparado quarto que lhe estava reservado.

D. Quiteria, essa, rezava, e o Vicente dava a sua ultima ordem ao feitor, isto é: que de manhã bem cedo arreiasse os cavallos, queria ver tudo em ordem. O Commendador devia começar a sua revista em toda a fazenda.

VI

FALTAVÃO quinze dias para a legendaria noute de S. João, tão ardentemente almejada pelos innumeros sectarios do bom padroeiro.

O filho do Barão de S... havia uma semana frequentava assiduamente a casa de Soares onde ia-se familiarisando. Passava tardes inteiras no jardim, na doce companhia de Alberto e de Judith.

O mundo que tudo vé, porque tudo espreita e tudo observa, começava de inquietar-se com as constantes visitas de Edmundo ao seu amigo na ausencia do Commendador; e de todos os lados, como é costume n'uma sociedade curiosa de tudo saber, chovião commentarios a respeito. A desconfiança e a maledicencia pairavam nos espiritos corrompidos.

Eu vi, eu proprio, muitas vezes o filho do Barão apeiar-se do tilbury.

Porque então todas as tardes a ingenua esposa do Commendador corria a sacada, a ancia estampada no semblante, até que o carro de Edmundo surgisse na ponta da rua? Porque, ao vel-o chegar, um sorriso de satisfação desabrochava-lhe na flôr dos labios como a gotta de orvalho no seio de uma rosa? O certo é que a menina ia-se esquecendo a pouco e pouco de sua bôa e inseparavel galga, das plantas, das flôres que, talvez, alimentavão-se do seu halito. Alguma cousa extranha preoccupava intimamente aquella alma dada ás meditações. Algum novo sentimento enraizava-se pujante no coração excessivamente sensivel da moça, que tudo ia esquecendo até o passado que ella respeitava, para fixar o pensamento em uma unica cousa.

A imagen sombria do Commendador apagara-se-lhe inteiramente da imaginação onde novas imagens fluctuavam.

Tudo nos leva a crer que aquella ancia de ver o filho do Barão, toda aquella nova especie de tristeza, todo aquelle esquecimento das cousas outr'ora de tanto valor para si, eram o germen fecundo de uma paixão que tomava formas assustadoras n'aquelle coração inexperiente.

Ella sentia-se irresistivelmente dominada por um sentimento extranho, por uma cousa que ella propria não deffinia.

— Terá chegado a minha hora, meu Deos ? dizia ella quando éstava a sós, erguendo os olhos cheios de amor e meiguice ao céo, como si de lá lhe podesse vir o confortavel balsamo. Mas eu sou tão moça ainda...

E levava insensivelmente o lenço aos olhos. O amor produz d'essas explosões de prantos.

A infeliz rapariga estava n'um d'esses momentos em que é forçoso fazer parar a extranha corrente que muita vez arrasta ao tumulo. Via-se no seu semblante, até então rosado, a fria pallidez da lousa dos sepulchros. Ia descorando a rosa ao corroer do insecto occulto na folha. Nunca lhe apavorou tanto a imagem da morte. Si juntava, de repente, o fatal presentimento surgia-lhe na frente e ella chorava sem que ninguem soubesse a causa d'aquelle choro.

— Eu sempre fui assim, dizia ella soluçando ao irmão, como se lhe houvessem feito algum mal.

— Queres que mande dizer ao Commendador, dizia Alberto, ou preferes que mande chamar um medico ?

— Nada... nada, interrompia ella, esforçando-se por abafar a chamma intensa que lhe ardia no peito. Não, não quero..... Isto passa.

— Pois bem, mandarei chamar o Edmundo para passar a noite comnosco. Elle sempre tem que dizer e algumas historias de viagens pódem te servir de calmante. Queres ?

— Não sei.., balbuciava ella ingenuamente.

A' noute vinha o rapaz com o seu modo agradavel de tratar as pessòas, com a sua gentileza nunca excedida, já inserindo no meio da atrahente conversação uma anedocta espirituosa, um conto alegre, já commovendo, abalando o espirito dos ouvintes com o atticismo de sua linguagem.

Ah ! si Judith, aquella perola, conseguisse ver no coração do moço amante, enxergaria sob a capa hypocrita que o envolvia manchas muito negras !

Mas, ella era inexperiente, não conhecia os homens como elles são na realidade e, fraca, ia deixando-se illudir pela belleza exterior, pelo amor fingido.

A formosa Judith não conhecia o terreno em que pizava. Caminhava á mercê da sorte sem alguem que lhe ensinasse o caminho. Deixava-se seduzir innocentemente.

VII

UMA noite, como do costume, um carro parou á porta do chalet do Commendador Soares e um rapazinho de porte elegante, caprichosamente vestido entrou. Era Edmundo.

Judith o vira apeiar-se e apressara-se em recebel-o á porta.

O moço tocou levemente a mão da rapariga.

— Alberto ? foi a sua primeira palavra.

— Dorme, respondeu-lhe a outra abaixando meigamente os olhos.

— A's sete horas ?

— Eu lhe conto, tornou a moça dirigindo-se á sala de vizitas. O senhor sabe quem é Alberto, conhece-o perfeitamente para que eu lh'o descreva. Pois mano hoje não jantou em casa e ainda ha pouco entrou, coitado, nos braços de dois de seus amigos. Estava embriag....

Judith sentia-se sem forças para terminar aquella palavra.

— Eu sei, tornou Edmundo, Alberto é um pouco extravagante e por mais que eu o aconcelhe nada tenho conseguido. Concebe-se, porém; a mocidade tem d'essas loucuras. Mais tarde, quando tomar juizo, que ainda é bem moço, elle ha-de mudar.

— Mas é tão feio....

— Sim, eu o reconheço. Nada ha mais ridiculo que a embriaguez ; deve-se, porém, ser bom para com esses desgraçados. Coitados, são arrastados pelo delirio.

Quem não conhecesse Edmundo e o ouvisse fallar n'quelle instante, não duvidaria em fazel-o um moralista severo, tal era a expressão que o artista sabia dar as palavras que proferia. Entretanto, alli estava o vicio personificado.

Quantas taças de champagne havião-se quebrado n'aquellas mãos enluvadas ninguem o poderia dizer.

— Não seria, porém, permittido ver o meu amigo ? Talvez accordasse......

— Em todo o caso queira acompanhar-me, interrompeu Judith dirigindo-se para a alcova visinha onde se achava Alberto. Seus amigos

havião conduzido-o a esse compartimento modestamente mobiliado.

Ahi estava elle, estirado no leito, sem paletot.

Foi n'essa posição que o encontrou Edmundo. O moço dormia com o rosto mergulhado no travesseiro; via-se uma das faces onde os ultimos traços da embriaguez ião-se apagando com o somno.

Advinhava-se, vendo-o, que estivera em uma orgia.

A' porta da alcova a moça parou e esperando Edmundo disse :

— Eil-o, ainda dorme. Confio que dentro em pouco tudo cessará. Quer fallar-lhe, não é verdade ?

— Não, não o accorde, atalhou Edmundo. Deixe-o estar assim; esperal-o-hei.

— Vamos então para a sala.

A hora era chegada. Edmundo ia aproveitar-se do abatimeuto do amigo para talvez trahil-o; cumpria-lhe quanto antes fazer a fingida e estudada declaração. Estavão os dois na sala de visita : Judith e Edmundo. Ainda não se havia accendido o gaz, porque a lua, surgindo por cima dos telhados de defronte, enchia a sala de

sua doce claridade que ter-se-hia de desapparecer ao brilho da luz artificial.

Effectivamente o céo estava lindo. As estrellas, o immenso rebanho guardado pela lua, scintillavão quaes olhos feiticeiros ; ouvião-se as pássadas das pessoas que passeiavão na rua aproveitando o luar.

Judith havia se reclinado languidamente no sofá forrado de seda azul e tinha os olhos pregados n'um dos quadros da sala intitulado: « A despedida ».

A scena passava-se no campo. Um céo bellissimo, irreprehensivelmente pintado, uma lagôa onde boiava o cysne e a cerca erguendo-se dos matagaes em flôr. *Ella* descançando a bilha á margem da lagôa onde fôra buscar a chrystallina agua, enfiava os olhos ao longe n'um cavalheiro que partia a trote largo. Um lenço fluctuava-lhe entre os dedos ao sopro da brisa da tarde. Era o ultimo adeus.

Judith estava encantada com aquelle quadro. Nunca o vira mais bello. O pintor, da escola moderna, era desconhecido.

O que se passava então no interior da pobre Judith ninguem o poderia saber. Mais do que nunca ella estava seductora ; vestia um simples roupão branco com laços azues. Os cabellos de-

satados descuidosamente fluctuavão-lhe nos hom-bros, e os labios semi-cerrados deixavão ver uma carreira de dentes alvos como espuma.

Calçava uns chinellinhos de lã feitos por ella mesma, e a sua galga, a bôa Nina, descançando sobre as patas trazeiras, contemplava-lhe em attitude de quem soffre.

Edmundo sentára-se em frente á Judith e recostado parecia esperar que ella rompesse o silencio já bastante prolongado.

O moço vibrava como uma lamina, tinha medo de dizer qualquer palavra que fosse córar o anjo que elle alli via e que a luz da lua tornava ainda mais encantador.

Passou-se muito tempo assim até que Judith desviando o olhar do quadro, fixou-o em Edmundo e instinctivamente escaparão-lhe dos labios estas palavras:

— Senhor Edmundo não falla ?

Edmundo como a fera que espera, os olhos chammejantes, o primeiro movimento da victima, esperava uma palavra de Judith. Sentiu-se livre de um peso enorme e com a voz repassada de fingida magoa disse :

— O que heide eu dizer, D. Judith ? A senhora ainda não percebeu que eu soffro calado? O que póde lhe dizer quem até hoje não co-

nheceu a amizade, o amor verdadeiro, senão sob o dominio dos seus olhares ?

Era possivel e mesmo muito natural que um moço como Edmundo, que desprezava a virtude, experimentasse agora no peito o sentimento do bello que leva as almas ao caminho do bem, mas, o filho do Barão de S... tinha um coração de pedra. Amor, virtude, amizade, tudo não passava para si de meias palavras que elle sabia empregar sempre que fosse necessario illudir a innocencia, a ignorancia ou a fraqueza.

A's palavras de Edmundo a moça estremeceu. Não esperava tão prompta declaração ; e comtudo, teve bastante coragem para retorquir:

— O senhor me ama ?

— Si a amo... !

Edmundo não poude se conter, ergueu-se e foi sentar-se ao lado de Judith.

— Si a amo ! repetiu, tomando-lhe a mão que ella por um instante affastou para depois entregal-a.

— Eu tive uma irmãsinha que Deus levou.... creia, depois de minha mãe, nunca mais amei pessôa alguma a não ser a senhora....

Era admiravel como aquelle mancebo fallava em Deus e amor de mãe. Era espantoso como elle sabia dominar com a palavra que sa-

hia-lhe dos labios fluente, como si na realidad sentisse tudo!

Era Satan, a serpente, illudindo Eva.

Judith escutava as palavras mentirosas d Edmundo com o respeito que provém da ingenuidade. De subito um pensamento atravessou-lhe a imaginação.

— E o Commendador ?

— Não, Judith, tu não és casada. O Commendador é um homem sem coração. Não te deixes illudir. Queres ? fujamos. Iremos ambos juntos, como almas que se amão e são felizes, habitar distante das grandezas d'este mundo. Vamos... falle:..

O rosto da rapariga incendeu-se de pejo ante aquella palavra—fujamos, e um relampago illuminou-lhe o semblante.

— Fugir! pensava ella. Sim! eu fujo e vou viver com elle, sosinha, bem longe d'aquelle homem.

— E então ? tornou Edmundo, approximando-se-lhe mais e mais.

Judith teve impetos de lançar-se inopinadamente nos braços do seu seductor e dizer-lhe chorando de alegria :

— Vamos, fujamos de tudo isto.

Lá fóra, na rua, o silencio só era interrom-do pelas vozes confusas dos transeuntes. Depois céu foi se cobrindo de nuvens e a lua de uando em quando occultava o seu rosto de luz.

Um cão uivava não se sabia aonde. O mo-iento tornou-se sinistro. Como que alguma ousa de infernal adejava em torno á casa do ommendador.

Ia escurecendo.

— Mas... balbuciou a moça.

— Ah! Como és bella, Judith! Como és ivina, mulher dos meus sonhos! Vem! Lança-e em meus braços. Só tu me pódes livrar de ıma loucura. Eu sou um desgraçado....

Edmundo ajoelhou-se aos pés de Judith e sta, extactica, continuou immovel e muda, mquanto Nina, desprezada por sua amiga, sem omprehender nada do que se passava n'aquella ala, fôra se esconder a um canto.

Edmundo com os olhos faiscantes, todo remulo, tentou encostar os labios hediondos omo a beira de uma chaga incuravel, nos labios da moça; parecia o genio do desespero ante o anjo do amor.

Deus, porém, não devia consentir na con-summação d'aquella obra vil. Tudo era escuri-dão e silencio quando um relampago como sahido

do seio da terra illuminou os céos e um dedo invisivel traçou uma lettra incomprehensivel de fogo. O trovão repercurtiu o seu som rouco pelas cavernas como ameaçando desabar tudo e o silencio e a escuridão voltarão. Ouvia-se o bater da chuva pelas calçadas.

Edmundo erguendo-se ao clarão do relampago, cambaliara no meio da sala, branco, os punhos cerrados, e os olhos esbugalhados—um verdadeiro espectro ameaçando as trevas.

Judith, tornou-se livida e gelida ; os labios tremião-lhe como si os quizesse abrir para dizer uma palavra.

Em pouco o silencio foi de novo interrompido porém d'esta vez por uma voz abafada partida do interior da casa, que exclamava :

— Mana... Edmundo... e outras palavras entrecortadas que mal se podia perceber.

Era Alberto que sonhava...

VIII

ESTAVA uma manhã fria e neblinosa. A neve cahia miuda, sem que uma restea de sol fosse rasgar o véo branco que bordava o cume das montanhas.

Judith, á janella de sua alcova, parecia meditar profundamente, passeiando os olhos pelo quintal. Tinha o ar de quem passou mal a noute, os vestigios de uma noute mal dormida desenhavão-se-lhe claramente no semblante.

Era triste de ver-se quanto ia definhando aquelle entezinho meigo e franzino. Cada dia apparecia mais sombrio e melancholico, chorando mesmo quando se ria. E' que as tempestades da vida abatem quando não matão. Judith era como uma d'essas flôres peregrinas dos jardins, que emmurchecem a um sopro.

Um dia, chegando-se ao espelho, viu alvejar

entre os seus bonitos cabellos um fiosinho de prata. Arrancou-o e olhando-o tristemente soltou-o fóra da janella, dizendo :

— Até tenho cabellos brancos ! Não tardão a apparecer as rugas. Minha mãe tambem era assim : Com vinte e cinco annos tinha a cabeça branquinha...

Ella fallava comsigo mesma, com a sua sombra que parecia dizer-lhe do outro lado do espelho :

— Como és bem feita !

Ella bem o sabia, era por isso que revoltava-se contra o Commendador :

— Eu, uma mocinha de vinte annos, casada com um velho de cincoenta !

Em que scismava ella quando a encontramos a janella, bem o presume o leitor.

Os acontecimentos da vespera, Edmundo, o sonho de Alberto, tudo a preocupava n'aquelle isolamento.

— Antes eu nunca o houvesse conhecido, pensava ella, tocando com o dedo a petala mimosa de uma dhalia. Elle sahiu tão agastado hontem... Eu não tive a culpa ; a tmpesdade...

Ella fazia essas reflexões como si realmente conversasse com a flôr, mas, eis que batem a porta do quarto.

— Quem é? pergnntou dando volta ao trinco.

— Sinhasinha não toma o café? está esfriando em cima da meza.

Era uma negrinha que vinha, como era de eostume, offerecer o café matinal á sua ama.

— Não, hoje não quero. Alberto já accordou?

— Não, senhora.

— Bem, assim que elle despertar leva-lhe café.

— O que tem Sinhasinha que anda tão triste?

— Nada Damiana. Vae.

Judith tornou a fechar-se no quarto e foi sentar-se á beira do leito.

Entrava pela janella a dentro um cheiro suavissimo de rosas e violetas, e o ar puro da manhã embalsamava todo o quarto que, bem se via, tinha sido arrumado por mão de moça.

O leito estava perfeitamente preparado, como se ninguem o houvesse bulido e trescallando perfumes ; o travesseiro enfeitado de rendas as mais ricas, trazia na parte superior o nome— *Judith*.

Ella o esteve contemplando por muito tempo ; e depois, não se contendo não podendo mais supportar o pranto que lhe pesava no peito, chorou.

—Eu sei, dizia soluçando, eu queria ao ménos que elle...

Não poude continuar, curvou-se e deitou a cabeça leve sobre o seu nome.

A's oito horas vierão-n'a chamar.

O pranto havia serenado, mas, a alma soffria.

A mesma creadinha que fôra levar o café chamava-a para almoçar.

— O senhor Alberto já está á meza disse ella.

— Diga-lhe que não tenho fome, que vá almoçando.

— Nem uma chicara de leite, sinhasinho? Está tão fresco.....

— Não tenho vontade.

O diabinho de saia correu a dar o recado a Alberto que luctava por devorar uma costelleta de carneiro.

Ao saber que sua irmã não queria almoçar ergueu-se e dirigiu-se ao seu quarto.

— Então, disse elle assomando á porta do quarto, que tens tu, mana?

— Passei mal a noute e preciso recuperar o somno.

— Mas, então, não queres nada definitivamente?

— Sim, não quero forçar a minha natureza.

Alberto não quiz teimar e foi terminar o almoço.

O dia estava chuvoso por isso não quiz sahir. Findo o almoço dirigiu-se ao quarto de Judith e sentou-se a seu lado.

— Eu bem sei o que tu tens minha sonsinha, tudo isto são saudades do Commendador. E porque não? A ausencia prolongada das pessôas que se ama produz saudade e melancholia, nao é assim?

— Hade ser.... respondeu seccamente a moça.

— Isto mesmo já lh'o mandei dizer na ultima carta Vamos, porem, conversar sobre outras coisas, sobre coisas alegres. Preciso ver-te satisfeita, desabrochando em risos como uma criança a quem se faz cocegas Uma cousa: Edmundo veio hontem aqui?

— Veio lhe procurar, senhor dorminhoco. Já sabe, eu lhe disse a verdade.

— Não faz mal. Elle hoje hade vir outra vez e, então, passaremos a noute ou jogando o *ècarté* ou contando historias, ainda que sejão da Carochinha ou do João de Calais.

Emquanto conversava Alberto batia docemente na mãosinha aberta de Judith.

— Si eu fosse o Commendador, todo o dia de amanhã, ao accordar, dava-te dous bolinhos, assim.... assim.... E elle mostrava como havia de ser.

N'aquelle coração abjecto ainda existia um cantinho puro reservado a Judith, onde se aninhava o amor fraternal.

Alberto tratava sua irmã como a uma criança. As vezes brincando ella disia sorrindo-se com essa malicia innocente peculiar as moças bonitas :

— Veja como me trata, senhor meu irmão, eu já não sou criança ; sou a esposa de um Commendador ! !...

N'esse dia, porem, a bôa da rapariga não estava para graça.

Manifestou aversão por tudo ; nada lhe agradava ; queria estar só. Todavia, assim passou-se o dia entre as caricias de Alberto e os arrufos de Judith.

Chegada a hora d'ella jantar sentou-se a mesa,mas,só poude tragar uma fatia de queijo com doce.

IX

INSTANTES depois do jantar Alberto recebeu uma carta de Soares que terminava n'estes termos :

« Talvez acabe morando aqui. Tudo na fazenda é vida. Os escravos acalmarão-se com a minha presença. Só a saudade me arrancará d'aqui logo que se finde o S. João.»

No dia seguinte á sua chegada á fazenda, estando sellados os cavallos, o Commendador sahiu a percorrer os sitios onde havia plantações.

Os cafezaes cobrião-se de geada e, como o Vicente lhe mandara dizer, a ultima colheita não fôra das melhores.

O Soares ia na frente, ao lado do irmão, e alguns negros seguião-os de enxada ás costas.

Não durou muito essa primeira excursão á roça.

A' hora do almoço todos se achavão á meza e o Soares, meio descontente por ver o pé em que se achava a fazenda e recordando-se ainda de sua longa pratica da vida rural dava-lhe algumas informações sobre a maneira mais escolhida para preservar o café das tenacidades do inverno.

D. Quiteria, que já havia-se esgoelado bastante com os escravos, exclamou exaltada:

— Tudo isso o Vicente faz, que eu tenho visto. Mas, é uma vadiação lá do lado dos negros que você não imagina !

Ao meio dia houve forma geral de escravos e o Commendador, feito general em chefe das tropas, passou revista aos seus soldados.

Depois, tomando um ar serio e respeitavel, collocou-se a vinte passos de distancia do esquadrão As espòras tremião-lhe nos calcanhares como os arreios n'um cavallo inquieto ; gemião-lhe as botas e o chicotinho de pelle de raposa vibrava-lhe na dextra :

— Eia ! escravos, bradou elle depois de haver lançado um olhar de lynce por sobre aquella turba de infelizes ; e continuou fazendo-se vermelho como os labios do Joaquim.

— Já deveis presumir o que me trouxe as terras que me virão nascer! Pois bem. D'hoje

em diante a primeira desconfiança de insurreição que toldar o espirito cá do Vicente (e apontou o irmão que effectuava lepidos movimentos de cabeça, á simelhança das lagartixas) eu saberei vingar!

Dizendo isto Soares fez tremer no ar o chicote.

— Si o vergalho, continuou, não fizer effeito, a chibata saberá fazer escorrer o sangue á jorros. O mesmo tronco que viu morrer vossos paes agrilhoados, será o lugar medonho do vosso suplicio tremendo.

O Commendador sabia colorir as suas palavras que repercutindo nos ouvidos dos desgraçados fazião-os estremecer de medo.

As crianças, na mão das mães, apavoradas, quasi chorando, ocultarão-se nas dobras das saias como se vissem em sua frente Belzebuth ou Han o Islandez, o demonio de Walderhog.

Tudo alli era silencio n'aquelle instante; só a voz do fazendeiro retumbava na senzala.

— Ficai, pois, certos, terminou emfim o nosso homem, todo rubro, como um pimentão; como sempre, serei inexoravel ante a menor suspeita.

No semblante de alguns escravos via-se re-

tratado o odio: a raiva ia-lhes por dentro, como no peito do tigre enjaulado.

Expedidas as ordens, scientes os negros das disposições terriveis do *senhor*, dispersarão-se em grupos e retomarão o caminho do trabalho por um instante interrompido.

D. Quiteria havendo passado mal a noute queixava-se de umas dôres nas pernas que a não deixavão assistir ao discurso do irmão. Comtudo, a mulher tinha tanto odio aos infelizes escravos que ainda na cama resmungava inquieta:

— Si eu fosse o mano n'esse momento, passava revista, mas, havia de ser nas costas de todos elles. Pestes! por elles é que eu soffro......

Na fazenda o Commendador não podia almejar vida melhor, mais folgada. Nada lhe faltava n'aquelle paraizo onde elle fazia as vezes de sultão. Logo ao accordar, uma criada ia levar-lhe leite que elle sorvia de um gole e depois do ndispensavel banho frio que ou era mesmo em caza ou n'umas cachoeiras vizinhas, sahia a passeiar á cavallo.

A vida no sertão é assim: folgada e livre. Nada opprime o sertanejo que em tudo vê o bem estar e a felicidade.

O Commendador como se vê não era desses sertanejos que passão metade de sua vida viajan-

do, de pouso em pouso, como nomade, ora descançando á beira de um riacho, ora armando a sua tenda improvisada ás sombras da gamelleira, ao cahir da noute.

Havia muito tempo que Soares não visitava a fazenda que entregou aos cuidados de seu habil irmão e de sua irmã Quiteria. Era por isso que elle agora preferia a roça á Côrte.

A sua saúde ultimamente algum tanto alterada voltou aos seus eixos sob a influencia de um clima puro e são.

— Decididamente nada se compara á isto, dizia elle. Aqui tem-se menos que pensar. Sim, estou convencido: a vida no campo é o melhor conforto para os que como eu teem soffrido tanto.

Realmente o Commendador estava deslumbrado pelos effeitos hygienicos dos ares campestres. Ninguem lhe affastava a ideia de que devia mandar buscar o resto da familia para a fazenda. Um facto, porem, inexperado, veio derrubar-lhe todos os castellos tão caprichosamente construidos por sua imaginação. Achava-se elle na casa do Vigario, distante da sua algumas braças: uma casinha de porta e janella e jardim nos fundos. Era d'ahi que o Vigario sahia todos os dias de manhã á dizer missa aos fieis de E....

na modesta igrejinha de nosso senhora do Amparo.

Os dois erão amigos velhos. Na occasião em que os vão interromper jogavão o gamão ao por do sol e entre rizadas narravão alegres contos de sua meninice.

— Criança ! Criança é o diabo, dizia o vigario arregaçando a batina ; quem diria que eu teria de dizer missa, eu, aquella criança endiabrada como um rato, a attirar pedrada no Chicão, lembra-te ? O Chicão, o mestre escola ?....

Estavão n'este ponto da já adiantada palestra quando uma negrinha veio interrompel-os.

— Que queres ? perguntou Soares carregando na vóz.

O moleque approximou-se perfilando-se e entregou-lhe uma carta.

— Este é seu ? disse o vigario logo que o preto retirou-se.

— E', o Ignacio.

— Bôa peça, ! continuou o padre despejando os dados e gritando : Seis e az !

Soares tirou os oculos, rompeu o envellope e leu a carta que se lhe dirigia. O auctor d'esse manuscripto mysterioso assignava-se : *Vox populi*.

A cada palavra que seus olhos deparavão

n'aquelle papel o Commendador estremecia e franzia as sombrancelhas com ar de espanto.

Para satisfazermos a curiosidade do leitor transcrevemos o trecho da carta :

« V. Ex. não pensou talvez no passo que deu deixando sua esposa com o irmão. Alberto é um devasso. Todos os dias entra-lhe um amigo pela caza a dentro.

Cuidado Commendador, a menina anda triste e os perversos não tem amigos honrados. Quem lhe avisa seu amigo é».

Assim que Soares terminou a leitura estava pallido e nervoso.

Para elle aquella carta era a verdade em toda a sua nudez, não havia duvidas. Alberto escancarara as portas de sua caza aos falsos amigos e estes abusando....

N'este ponto de suas reflexões elle erguera-se encolerisado e revoltado contra si mesmo exclamou :

— Não ! Ella não deixar-se-hia illudir tão facilmente....

— Mas, o que tem Commendador que está tão pallido ? Sente alguma cousa ? Quer entrar?

Essas perguntas acudião á mente do Vigario que não sabia o que se estava passando n'a-

quelle momento com o seu companheiro de gamão.

— Sente alguma vontade não faça cerimonia....

— Não, Sr. Vigario, não é nada.

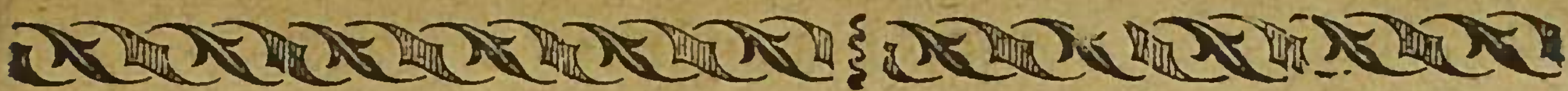
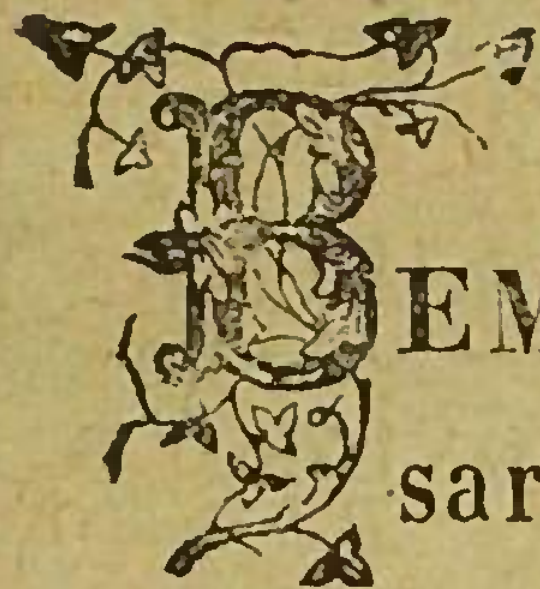
— Então? morreu-lhe algum devedor?

Soares agitado como estava não deu attenção ás perguntas do bom do Vigario e apertando-lhe a mão dispoz-se a partir.

— Adeus, senhor Vigario, negocios importantes me chamão á Côrte. Talvez ainda nos veremos.

— Adeus, Commendador. Seja feliz em seus negocios. Paciencia, calma...

Cahia a noute. O prior vendo-se só deitou do lado o gamão lastimando não haver ganho por um triz a partida tão bem planejada e adormeceu lendo o breviario.

X

BEM longe estava o Commendador de pensar no que lhe havia de fazer deixar tão depressa a fazenda. A vida ahi de tantos encantos tornara-se-lhe como um fardo insuportavel depois da carta que recebeu. Cumpria-lhe não mais esperar e partir emquanto era tempo. A sua honra estava ameaçada e o seu nome prestes a ser pronunciado com escarneo pelo bocca de todo o mundo como pertencendo a um homem trahido miseravelmente. A situação era com effeito das mais melindrosas. Pouco lhe importava Judith, mas, o nome, a honradez era tudo que lhe fazia andar a cabeça á roda.

O mundo lhe chamava, cumpria obedecer. Ao deixar o vigario o nosso homem tomou o caminho de caza. Ia mudo e taciturno. As sombras da noute que cahia emprestavão-lhe

um ar ainda mais austero. mais terrivel. Parecia-lha ouvir a todo o instante vozes atraz de si ferindo o silencio da noute:—Corra Commendador, corra que a tempestade é iminente ! A mulher è essencialmente fraca. Parta que ainda é tempo.

Aquillo fazia-lhe tremer e os cabellos eriçavão-se-lhe como se vissem almas do outro mundo em cada sombra d'ervore. Soares estava n'uma crise difficil. Estava assombrado; elle que nunca crera em espiritos, de caminho movia-se a qualquer pancada, bemzia-se ao menor sopro de aragem que lhe trazia um echo :—E' tarde !

Finalmente alçançou a caza. Vicente e D. Quiteria de nada sabião e portanto receberão o irmão debaixo de pilherias e risotas. Soares, porém, não ria-se. Tinha o aspecto mais sizudo do que de costume e olhava desconfiado. Que terá elle hoje ? avançou D. Quiteria tomando-lhe o pulso. Você esteve com o Vigario, mano ?

—Deixa-me, deixa-me por um instante, Quiteria : preciso estar só.

—Gentes !

—Deixe-o, Quiteria, acudio Vicente endireitando os suspensorios. Nem sempre se está para caçoadas.

Dous negrinhos də olhos accezos como duas brazas virão o *senhor* entrar e correrão para dentro repetindo :—O diabo te leve... não se perde nada.

A solidão suavisa o espirito aborrecido alliviando os males. Na solidão está-se com Deos.

Soares recolheu-se aos seus aposentos, começou a preparar-se para a viagem ; emquanto os irmãos fallando baixinho no alpendre discutião a causa de tão repentina mudança nos animos do outro.

Vicente que era acatholico fervoroso dizia mastigando o seu comprido cachimbo de louça:

—Quem tem parte com padre tem parte com o diabo. Hoje que o mano lembrou-se de sò jogar o gamão com o Vigario é que nos entra em casa d'esta maneira. O padre... o diabo...

A'quellas palavras a hypocrita de Quiteria não poude deixar de benze-se, resmungando entre dentes :

—Ave, Maria, mãe de misericordia..... Vicente, você está tão hereje assim ? Virgem Nossa Senhora !... Aquillo é que o mano ou tem muitas saudades da menina ou não beijou a mão do Sr. Vigario.

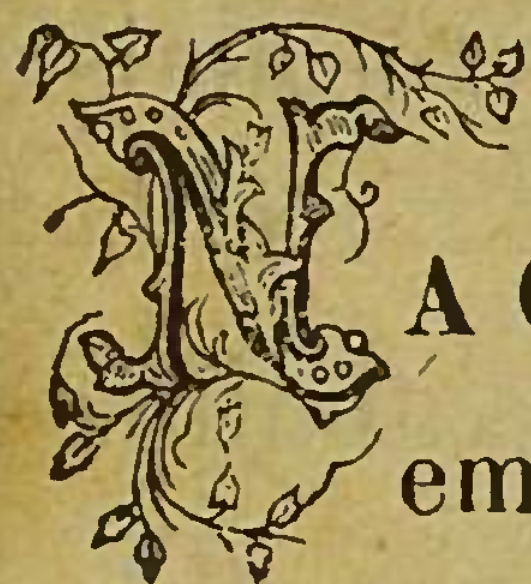
—*Vade retro* ! retorquiu Vicente entre uma baforoda. Beijar a mão do Diabo !

— Basta mano, basta. Você hoje está muito judeu...

E lá se foi a Quiteria arrastando as reumaticas pernas até o oratorio.

No terreiro os cães latião á lua que surgia d'entre as montanhas como uma braza enorme, como uma hostia de sangue. Era a hora em que tudo volta ao socego. Na fazenda o dormir-se cedo era costume antigo excepto nos dias de luar em que todos ião ao alpendre gosar do fresco da noite.

Todos se recolherão.

XI

NA Côrte, apoz um noute que não dormira em caza Alberto adoecera.

A moça, cada vez mais triste, esperava anciosamente o dia mysterioso em que, como dissera Edmundo em uma carta «devia-se decidir tudo». Não havia mais duvida em fugir com o seu amante e o lugar designado para a primeira entrevista amorosa estava assentado seria o quarto de Judith «ao anoitecer» dizia a carta. Imagine-se, pois, com que anciedade a innocente rapariga não esperava esse dia feliz, mas que muito fatal tornar-se-hia. A sua crença no amor puro e desinteressado do moço era tal que ella não duvidava em o receber no seu quarto, á noite.

Pobre Judith !

Ao primeiro signal, duas pancadas no portão do jardim, ella deveria descer e recebel-o.

Cada vez que Judith passava os olhos sobre

a carta perfumada do mancebo repetia beijando-a muitas vezes :

— Oh ! como serei feliz n'esse dia ?

Tornara-se até vaidosa ; ella que sempre fôra inimiga dos esplendores artisticos com que em geral as moças se enfeitão como se assim fizessem realçar o brilho de sua belleza, não deixava o espelho. Ella não sabia que quanto mais esquecida fosse de si, mais bonita seria. Nada lhe ficava tão bem como os magnificos cabellos soltos distrahidamente, sem arte, como o modesto vestidinho branco com que se vestia todas as manhãs, ligeiramente salpicado de pequenos laços de fita azul. Desde o dia em que Judith recebera a carta não socegou mais, não dormia noutes inteiras e levava todo o tempo em seu quarto á fallar á sós comsigo, como uma louquinha. Só sahia d'alli para vizitar Alberto.

Todos n'aquella caza soffrião até a pobre Nina esquecida para um canto ; os criados davão-lhe com os pés e ella, magra, sem forças, desprezada, resignava-se soltando uns gemidos surdos que ninguem ouvia. A dor moral aniquilava a misera a ponto d'ella já não se poder levantar senão á ponta pés. Quando alguem se

lhe approximava ella olhava assim com uns olhos desvairados e humidos e encolhia-se toda comosequizesse desaparecer pelo chão a dentro. Como forão ingratos para a pobresinha ! Tudo é assim : o bem se paga com o mal.

XII

CHEGOU em fim o desejado dia.

A occasião era propicia. Reinava o silencio em torno dá casa do Commendador, um silencio lugubre como si as azas de Satan abrissem-se para occultar um crime. A rua estava deserta. De vez em quando uma nuvem negra encobria a face da lua que se levantava e por vezes uma neblina fria borrifava as calçadas. A lua parecia correr, tal era a velocidade das nuvens: dir-se-hia um' alma perdida nas pampas do azul. Extranhos rumores elevavão-se da terra ; ao longe cantavão os gallos. Eu creio na fatalidade. Esta noute estava destinada a perpretação d'um crime horroroso — a deshonra de uma familia ; ao primeiro grito da victima Satan deveria agarrando-a pelos braços expol-a a irrisão da sociedade o juiz implacavel que lhe havia de punir severamente.

Judith estava no jardim. Toda de branco, de uma belleza rara, ella assimelhava-se á ovelha que não vê o cutello prestes a decepar-lhe de um golpe a cabeça. Estava pallida e inquieta ; é que soffria muito. O amor onde quer que passe deixa os vestigios da dor. Judith suppunha chegado a hora suprema de sua felicidade na terra quando tudo era negro ao redor de si. Quem a visse n'aquelle instante, sentada sobre um banco de relva, entregue aos seus sonhos, diria—alli está um espectro . A instantes a moça erguia-se, murmurava umas palavras tremulas, incomprehensiveis, e approximava-se do gradil; n'um d'aquelles momentos um galho de jasmim pendeu sobre sua cabeça e, como se uma mão invisivel o tocasse, um punhado d'essas flores espalhou-se no ar a uma rajada de vento e foi cobril-a.

Ella olhou assustada e balbuciou :

— Ah !....

Depois, certo de que tudo fora occasionado pelo acaso tornou:

— Pensei que fosse elle....

Erão sete horas assignaladas pelas pancadas monotonas de um sino. Na extremidade da rua de.......parou um carro d'onde apeou-se um homem cuidadosamente encapotado, que dirigindo

se ao cocheiro disse-lhe duas palavras ao ouvido e encaminhou-se para o outro extremo da rua. Além da grande manta que lhe occultava todo o corpo, trazia um chapeo de abas largas que como uma mascara occultava-lhe o rosto. Approximando-se do jardim que contornava a caza de Soareso vulto parecendo vacillar por um instante olhou a janella do quarto de Judith. Depois, descobrio uma das mãos e bateu duas vezes no portão.

Ninguem lhe respodeu. A moça perdida nas suas comtemplações, não se lembrava que era chegado o momento. Brilhavão tanto as faces que difficil seria distinguir si erão lagrimas, si orvalho cahido das plantas que roçavão-lhe o rosto delicado. Havia momentos em que ella estremecia como uma hysterica.

Em seguida ás duas primeiras pancadas soarão novas e uma voz sumida fallou :—Judith !...

A rapariga accordou, levou a mão aos olhos como se despertasse de um somno e alizando docecemente os cabellos dirigiu-se para o portão.

— Edmundo ! disse ella.

— Sou eu, querida, respondeu-lhe de fóra o vulto descobrindo-se.

Era Edmundo com effeito.

Reconhecendo-o Judith abriu o portão e lançou-se-lhe nos braços.

— Espera..... disse elle, não vês que podemos ser vistos?....

Judith tinha a cabeça encostada ao coração de Edmundo. Dir-se-hia que aquella alma cheia de amor vibrava ás palpitações incertas do coração do mancebo.

Edmundo tirou o sobretudo atirou-o sobre a relva de envolta com o chapéo deixando apparecer na cintura a lamina de um punhal. Judith não o vira porque estava cega de amor; não pensava senão na fuga. Despido das negras vestimentas que occultavão-lhe o rosto e o punhal Edmundo tomou entre as mãos a cabeça da moça beijou-a mil vezes e ia oscular-lhe os seios que abrião-se-lhe nas unhas quando um grito feroz repercurtindo na noute fel-o parar.

— Infame!

E um clarão vermelho allumiou o jardim deixando ver os dous jovens estupefactos, hirtos e mudos como duas estatuas fundidas n'um mesmo bronze. Ao clarão seguiu-se o som de um tiro e o choque de uma bala echoou do outro lado da rua.

Um homem ou antes uma fera com semblante humano olhava-os de cima da escada que dia

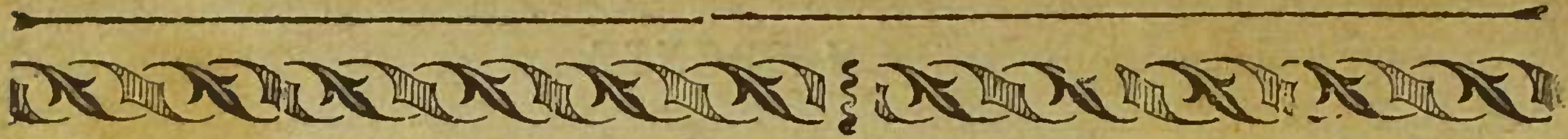
dar ao sobrado. A féra rugia como preparando o bóte ao primeiro movimento da presa.

As arvores curvavão-se ao sopro de uma aragem branda que fazia eriçar os cabellos.

O echo do tiro perdeu-se na escuridão. O céo estava negro como a abobada de um subterraneo e aquelles dous vultos abraçados no meio do jardim tinhão um aspecto sublimememte phantastico.

Depois, como se aos poucas fosse recuperando os sentidos, Judith desprendeu-se dos braços do seu seductor e soltando umgrito de hyno que alguem martyrisa foi cahir como morta, como uma santa, n'um leito de rozas e violetas. O mancebo vacillou, tremeu e levando precipitadamente a mão á cintura tomou do ferro vibrou-o no ar e vendo que quem quer que fosse aquella sombra não ousava avançar fugiu cobardemente. O rodar apressado de um carro quebrouo silencio da noute e a lua espalhava a sua pallida claridade pelo jardim do Commendador que apresentava um quadro bem triste. De um lado, perto do portão, o corpo inanimado de Judlth cujos cabellos dispersos pelo chão formavão com as flôres uma especie de ninho; do outro lado a roupa de Edmundo, a capa, o chapéo e em cima o punhal.

O desconhecido, com os braços cruzados, sem dizer palavra, contemplava de sobre a escada o corpo de Judith.

Além de tudo isto, como para tornar mais sombrio o espectaculo, um animal, a galga, lambia o rosto da moça, branco como o de um virgem morta.

XIII

O COMMENDADOR estava, pois, resolvido a partir. Ao amanhecer o dia imagine-se qual não foi a admiração de D. Quiteria e do Vicente quando o irmão se lhes appareceu de mala em punho, capa e botas.

— Onde vais assim ? perguntarão os dois ao mesmo tempo.

— Alguma excursão scientifica... tornou e Vicente a rir.

O Commendador não se ria ; estava sizudo e desfigurado. Approximou-se de D. Quiteria, abraçou-a friamente passou ao Vicente fez o mesmo e accrescentou sem uma lagrima nos olhos :

— Adeus......

D. Quiteria não comprehendendo o que se estava passando cruzou os braços ; por sua vez o Vicente que possuia o dom de ridicularizar facil-

mente as cousas mais serias lançou um olhar obliquo ao irmão que sahia e disse meneando a cabeça ironicamente :

— Acaba no Hospicio este meu irmão .....

Entretanto o Commendador partio, chegando à Côrte á noitinha.

Um criado veio abrir-lhe a porta da rua e elle como um espião subiu pausadamente, levemente a escada. A casa estava silenciosa ; dir-se-hia prantear a morte de alguem.

Alberto ainda não restabelecido dos seus ultimos encommodos dormia. O Commendador foi direito ao quarto do moço : estava fechado. Olhou pelo buraco da fechadura e viu-o sob os cobertores.

Em seguida passou á alcova de sua esposa : tambem estava fechada. Uma especie de pavor começou de apoderar-se de Soares ; como que toos cantos d'aquella casa onde habitava havia tanto tempo lhe erão desconhecidos. Repetio o que fizera no quarto de Alberto : a alcova estava deserta, o leito perfeitamente arranjado. Ouvia-se o tagarellar da criadagem na cosinha.

O Commendador não quiz interrompel-os e deixou-se guiar pela galga que lhe tomara a dianteira até a escada que descia para o quintal. Foi então que percebeu tudo. Edmundo acabava

de depositar na fronte de Judith o seu primeiro beijo d'aquella noute.

Comprehende-se agora d'onde partira a bala que errando o alvo fôra echoar do outro lado da rua.

Alli estava o Commendador com o seu semblante ameaçador: acabara de sorprehender os dous amantes na sua entrevista amorosa. Alguem, um ser invisivel, lhe havia avisado; uma voz voz que partira de dentro do seu proprio cerebro lhe dissera:

— Corre e chegarás a tempo.

Embalde, porem; là estava na face de sua esposa o beijo hediondo a mancha inapagavel. Colerico, tremulo de raiva, Soares desceu ao quintal e tomando o punhal que seu trahidor havia esquecido esteve prestes a commetter um crime; mas, reflectindo depois na acção infame que tentàra realizar n'um instante de allucinação disse comsigo: —Não; serião dous crimes..... Sacudiu para um lado a arma como se o ferro lhe queimasse a mão e ajoelhando-se ante Judith desfallecida murmurou julgando-a morta:

— Judith !... minha Judith !....

N'esse instante, no mesmo lugar onde elle estivera havia pouco, surgia o vulto de Alberto.

Avisado pelos criados que havião accudido ao som do tiro, Alberto nãe se fizera esperar.

— Corra senhor Alberto, dizia a Damiana com as mãos na cabeça, corra que sinhasinha está morta !

O mancebo levantou-se como um desvairado e esfregando os olhos procurando comprehender tudo aquillo dizia :

— Vocês estão doidos ! Judith ! minha irmã !....

— Ande depressa, meu senhor, accuda á sua irmã.

— Estarei sonhando ? repetiu Alberto. O que significa isto, meu Deus ?

Damiana soluçava dolorosamente :

— Tão santa que era ella !....

Afinal,comprehendendo todo aquelle choro, o alvoroço da criadagem, o moço ergueu-se em mangas de camiza, a cabeça entre as mãos, e precipitou-se em direcção ao quarto de Judith.

A porta estava fechada, empurrou-a abriu-a e não vendo ninguem approximou-se á janella gritando :

— Judith ! Onde está ella, a minha irmã !

A lua fazia alvejar sobre a relva o vestido de Judith.

Cada vez mais agitado o rapaz correu ao patamar superior da escada que descia para o jardim, chegando a tempo de perceber a voz do Commendador que murmurava ao ouvido da moça.

— Judith, eu te perdôo !

— Larguem-na ! bradou'Alberto cego de desespero. Canalhas ! Ella é minha irmã!

Depois, reconhecendo Soares, parou attonito, perplexo,

— Ah ! disse depois de uma pausa, eu bem desconfiei ! Sei tudo ...

— Vês Alberto, disse o outro apontando a moça. Assassinarão tua irmã.... os teus amigos!

— Não, não póde ser. Foi um delirio. E ajoelhou-se beijando a fronte de Judith.

A Damiana conhecia todos os cantos da casa: era a escrava mais fiel. Alberto tomou de um frasquinho que ella lhe trouxera e immediatamente deu-o a cheirar a Judith. Santo liquido !

Ao contacto do vidro a moça abriu os olhos amortecidos e poude balbuciar quasi imperciptivelmente :

— Edmundo.... deixem-me.....

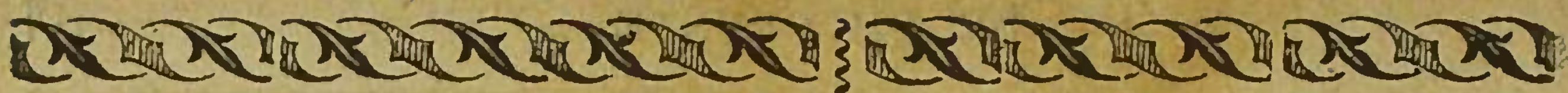
Depois, tentando levantar-se olhou para os lados continuando a custo :

— O que fiz eu para me maltratarem tanto ?

A sua voz era doce como os primeiros vagidos de um recem-nascido.

O Commendador conservava-se mudo e parecia suffocar o pranto.

Conduzida para o seu leito,dentro em pouco cessou o delirio e Judith adormeceu tranquillamente

XIV

DAMIANA velou toda a noute o leito da sinhásinha, ao lado de Alberto. Soares retirara-se para um canto e parecia resolver um problema que lhe agitava o cerebro. Levara assim a noute inteira, silencioso, circumspecto.

— Que fazer? pensava elle. Continuar a viver com uma mulher adultera? Lançar um véo sobre tudo o que acabou de acontecer e deixar correr a vida socegada do lar? Tudo isto lhe occupava o pensamento; o coração batia-lhe apressado. Não se achava com bastante coragem para punir severamente, sem piedade, a esposa, uma criança victima talvez d'essa dualidade fatal o amor, que não tivera forças para dominar, e os instinctos perversos de um homem sem dignidade. Tudo pendia para o perdão; mas, o turbilhão de

idéas que lhe invadia a imagina-ção impedia-lhe de tomar uma deliberação definitiva.

No meio porem de suas meditações apparecia-lhe de vez em quando um pensamento que o fazia empallidecer.

E a voz do mundo ? O que seria d'elle diante da sociedade que de certo havia saber tudo ? Era esta toda a sua preoccupação.

Vinha amanhecendo. Os rouxinoes modulavão no quintal as suas endeixas matinaes e os insectos, occultos nas folhas, despertavão n'um zumbir ensurdecedor.

O Pico do Corcovado, soberbo e magestoso, surgia entre as montanhas como um dedo apontando o azul. Accordava a natureza. Soares sentia n'esse momento um allivio immenso.

Vendo approximar-se a aurora,calmo, como se nada houvesse acontecido, desceu ao jardim. Lá estavão ainda o sobretudo preto e o chapéo de feltro de Edmundo. Comtemplou por um momento aquelles restos de um crime e depois de haver respirado bastante o ar puro da manhã subio. Davão seis horas. Judith dormia profundamente e Alberto perdia-se em uma serie infinita de reflexões. Despertou á voz do Commendador,ergueu-se e ambos dirigirão-se para a sala da

frente. Sentados os dous um em frente ao outro Alberto predispoz-se a ouvir o Commendador.

—Alberto, disse Soares, como si fallasse a um filho ; tu sabes o que acaba de acontecer e não deves ignorar quão penosa é a minha situação. Os culpados somos nós, meu filho, tu principalmente. Eu, porque confiando no amor fraternal, não tive receio de deixar Judith só entregue aos teus desvellos. Tu, porque não viste que trazias na pessoa do teu amigo a deshonra ao seio d'esta casa. Pois bem, Alberto, a sociedade, esse espião terrivel, exige que eu deixe-a, sim que eu abandone Judith. Eu sei que vocês não teem meio de vida ; entretanto, soceguem, eu lhes auxiliarei. O que é preciso é que ella, *a mulher adultera*, viva longe de mim para que os meus amigos, aquelles que me teem em conta de homem serio e honrado saibão que eu puni.... a innocente ! Estou velho e acabado, preciso de uma vida mais socegada. Este facto foi mais uma lição para nós.

Os olhos do moço fixarão-se n'um ponto do chão, tristes e resignados; por vezes uma lagrima desgarrada foi cahir aos pés do Commendador.

— Eu comprehendo tudo, disse Alberto e

sei que sou o unico culpado ; eu é que devia ser punidô. Ah! mas, a maior punição vem de Deos e agora que eu começo a conceber a existencia d'esse ideal sublime, sinto profundamente sua mão, a mesma que punio Caim e que expulsou Adão, pesar sobre a minha cabeça. Soffrerei com resignação desde que assim é preciso. Ouça-me, porem. Ao expirar, minha santa mãe recommendou-me á um amigo bom e leal companheiro de meo querido pai. Esse amigo ainda existe, é um padre. Eu, porem, inexperiente, indifferente ás nobres aspirações, só buscava o gozo, esquecendo até asmais santas amizades para entregar-me somente aos amigos falsos e sem sentimentos. Quanto eu me arrependo hoje do que fiz hontem!...

Alberto soluçava.

— Não chore, seja forte, disse o commendador.

— Esse amigo, como já disse, ainda existe. Irei procural-o e dir-lhe-hei tudo. Sim, pedir-lhe-hei abrigo para duas almas que soffrem e que querem purificar-se na solidão, perto de Deos. Conffessar-lhe-hei os nossos peccados e.... talvez ainda sejamos felizes.

— Vá, esconda-se dos olhos deste mundo que nada vale. Sob a protecção do seu amigo que

de certo os receberá de braços abertos, seja feliz ao lado de sua irmã. Vou mandar buscar um carro, espere.

O Commendador sahio e como dissera, mandou alugar um carro de praça que em pouco esperava á porta da casa.

— Vá, continuou Soares. Ahi está o carro. Procure o seo amigo e diga-lhe tudo.

Alberto apertou reconhecidamente a mão do Commendador e tomando o carro disse ao cocheiro :—Rua da Pedreira de Candelaria n... depressa !

O cocheiro fez estalar no ar o chicote e o carro partio a trote largo.

XV

A CASA do padre Nogueira, situada á rua da Pedreira da Candelaria, não precisa de grande descripção ; era uma dessas habitações simples e modestas, á semelhança de chalet. Destituida de todo o luxo artistico, entretanto, attrahia as vistas dos transeuntes pela sua originalidade. Elle mesmo, o padre, mandara construil-a a seo gosto, sem se importar com as regras da moda. Veremos depois o caracter extraordinario e original dessa alma bôa e respeitavel. Como quasi toda casa de padre, a de Nogueira era cercada de um jardimsinho cuidadosamente cultivado recendendo de aromas deliciosos. Os unicos companheiros do sacerdote n'esse ninho eram: a tia Gabriella, uma velhina de oitenta janeiros, pequena e enrugada, que fôra n'outros tempos creada do pai de No-

gueira e uma creoulinha de doze annos, viva como uma barata e beata como a tia Gabriella. Jamais em parte alguma reinou tanta ordem, tanta amizade como n'aquelle recanto ignorado do Rio de Janeiro. Em poucas palavras resume-se a vida d'esses trez christãos. Erguendo-se muito antes do sol, á primeira pancada do despertador, Nogueira fazia a costumada oração e descia ao jardim. Respirava o ar embalsamado da madrugada, colhia algumas flôres com que enfeitar o oratorio e sahia á dizer missa na igreja da Gloria. As vezes levava a Anninha,mas, isto era raro. A menina ficava em casa com a tia Gabriella, preparando o almoço e ajudando-a n'outros affazeres como fosse regar as plantas, espanar o arrumar o quarto do senhor padre *et cœtera*. O quarto do sacerdote era um ninho em gentileza. Não havia um canto onde não estivesse um relicario, uma imagem de santo. Entre as duas janellas que abriam para o jardim ficava a estante repleta de obras religiosas e livros catholicos. Ahi estavam ricamente encadernados a famosa e inprescindivel Biblia Sagrada, a vida de Jesus de E. Renan, o Martyr do Golgotha de Escrich entre outras obras importantes como as de Homéro e Virgilio. A' cabeceira do leito alvo e sempre em boa ordem havia

uma pequena meza de vinhatico em cima da qual estava o despertador.

Pelas paredes imagens do Christo e da Virgem misturavam-se com os retratos de Leão X e outros papas e bispos, e por cima da estante o mostrador, uma machina de primeira ordem bem que antiga. Eis o quarto do padre Nogueira, não fallando no modesto lavatorio e mais utensilios indispensaveis a o quarto de um homem de bem. Além disto havia, pendurada a janella, uma gaiola contendo um canario.

O padre Nogueiro era um desses homens de alma nobre e coração generoso cujo, aspecto physico captiva logo á primeira vista. O começo de sua vida fôra tristissimo. Pobre, entrentanto á força de muito trabalho conseguira alcançar aquella posição na sociedade. Agora, na sua casinha da rua da Pedreira todos o adoravam como a um idolo, porque todos reconheciam em si um homem de admiraveis virtudes e de caracter inabalavel. Aquelles cabellos desdenhosamente soltos a Bossuet, deixando apparecer no meio da cabeça a corôa; aquella fronte vasta e intelligente, infundiam não sei que santo respeito a boa visinhança. Ao attravessar a rua, vagaroso e cabisbaixo, os devotos descobriam-se

como si estivessem na igreja, e as creanças corriam a beijar-lhe a mão que elle estendia sorrindo-se. Depois da morte de seos paes a unica pessôa que soubera encaminhal-o com os seos conselhos fôra a virtuosa mãe de Alberto.

Na hora da sua morte esta dissera-lhe entre soluços :

— Cuide nos meos filhinhos.

De então emdiante o maior dos desejos do padre era ver as duas creanças, Alberto e Judith, educados sob a sua humilde, mas valiosa protecção. Alberto, porém, como elle proprio conffessára ao Commendador Soares, desdenhara todas as vontades do amigo de sua mãe zombando das vestes sacerdotaes que o cobriam.

— Eu só lamento ella, a pobresinha, dissera o padre comsigo. Onde irá parar arrastada pelas ambições mesquinhas do irmão ?... Deos a protejerá.

Era, pois, em direcção á casa do padre Nogueira que corria a carruagem que conduzia o mancebo.

— Oh ! quanto eu fui ingrato para com elle ! pensava Alberto de caminho. Hoje poderia estar vivendo felizmente; nada teria acontecido....

Parou afinal o carro. O padre conversava muito distrahido com as suas boas amigas—as flôres. Vendo parar o carro á sua porta teve uma idéa: vinham chamar-lhe para alguma confissão, para soccorrer algum desgraçado nas ancias da morte. Esta idéa porém desvaneceu-se ao ver saltar Alberto, todo vestido de preto, trazendo no rosto uma expressão indescriptivel de tristeza. O padre franzio os sobr'olhos como reconhecendo nas feições abatidas do moço o filho d'aquella que elle tanto adorara. Mas, havia tanto tempo...

A ultima vez que o vira elle tinha vinte annos, haviam, portanto, seis annos.

Approximando-se ao portão de ferro do jardim apressou-se em receber a sua visita.

Alberto estava tão emocionado que não podia articular uma só palavra. Tirou do bolso um cartão com o seo nome e apresentou-o ao sacerdote.

Não se póde imaginar o effeito que a leitura d'aquelle nome produzio no espirito habitualmente tranquillo do bom padre. Alberto havia encostado a cabeça a um dos portaes de pedra e chorava profundamente.

— Elle ! pensava o Nogueira, aquelle que

despresou a minha amisade como inprestavel, como indigna !..

Entretanto, nenhum dos dous fallava. E comtudo, os prolongados soluços de Alberto eram talvez mais eloquentes do que tudo o que elle podesse dizer n'aquella occasião; eram como brados de piedade.

— Siga-me, senhor Alberto, disse emfim o reverendo tomando o caminho de casa.

Anninha que estava á janella vio entrar o moço debulhado em pranto e correo a contar á tia Gabriella.

— Mette pena, dizia a rapariga commovida, chóra como um menino de dous annos! Parece que morreo-lhe alguem de casa; está de luto.

A velha fez um gesto religioso, ergueo os olhos ao tecto e repetio bemzendo-se:

— A terra lhe seja leve, minha Nossa Senhora....

Assim que se vio só ao lado de Alberto disse o padre :

— Deseja alguma cousa da minha pobre pessôa? Falle, responda sem receio.

O interrogado porem não se animava a fallar, tinha a lingua presa.

— Vamos, tornou o sacerdote. Morreo-lhe alguem?

Alberto estremeceo a estas palavras.

— Lembra-se de certo, disse elle a custo, de quanto em fui ingrato para comsigo. Toda a minha ambição era o ouro, a riqueza. Perdoe-me, eu era então muito moço ainda e não conhecia o mundo; compadeça-se deste infeliz, destas lagrimas que são as primeiras da minha vida...

— E sua irmã, Judith? interrompeo o padre. O que é feito? Falle....

— Ah! não me obrigue a contar tudo....

— Vamos. Não tema, que o medo é proprio dos criminosos.

— Como o senhor deve saber, casei-a com um commendador, um homem rico, e idoso...

Ella não amava-o, pelo contrario, tinha-lhe repugnancias. Quantas vezes não a vi triste e abatida para um canto pensando talvez na sua mocidade tão violentamente entregue as vontades de um homem que poderia ser seo pai!... Eu comprehendia tudo, mas, fazia-me de cego e acariciava-a....

Alberto parou para enxugar uma lagrima que acabava de estalar-lhe na face e continuou:

— Um dia, na ausencia do commendador eu levei em casa um amigo.... um ente abominavel, o seductor de minha querida irmã....

— Basta, interrompeo de novo o padre, sereno como sempre. Quer talvez um abrigo para sua irmã, não ?

— Sim, senhor padre. O commendador receia a voz do mundo e quer salvar a sua reputação.

O padre Nogueira não esperou mais. Tomou o moço pelo braço e encaminhando-se até o jardim disse-lhe :

— Corra, traga Judith immediatamente.

E o carro partio a galope.

XVI

PERMITTA-NOS o leitor duas palavras sobre o filho do barão de....

O que é feito de Edmundo ?

Aonde se refugiara depois da noite tenebrosa do crime da rua de.... ? Vimol-o fugir em desparada no carro. Pois bem. A's oito horas esse mesmo vehiculo parava á porta do « Hotel des E'trangers. » Era ahi que o moço tinha o seo quarto, era ahi que elle habitava desde a morte do barão.

Edmundo entrara agitado e algum tanto desfigurado.

Os creados acostumados a vel-o entrar n'aquelle estado nada perceberam.

Justamente na occasião em que o carro que conduzia Alberto parou a porta do hotel, um norte-americano, velho amigo do barão de...

apeava-se de um tilburi. William, moço de fina educação, negociante na Côrte, partia para os Estados-Unidos e vinha offerecer os seos prestimos ao seo amigo. Vendo-o então, William fel-o parar tocando-lhe mansamente o hombro.

— Onde vai com tanta pressa? disse o americano amigavelmente.

O outro voltou-se, não sem algum constrangimento e deparando com o semblante risonho de William suspirou.

— Viva! disse Edmundo fingindo serenidade. Alguma novidade? Não nos vemos ha tanto tempo...

— Parto amanhã para a santa terra, tornou William. A barca americana *Brooklim*, de minha propriedade, suspende amanhã e não ha tempo á perder. Si desejas alguma cousa....

— Estás gracejando, interrompeo Alberto aturdido com aquella noticia inesperada.

— Porque duvidas? Vou a negocio. Preciso de liquidar certas contas com o meo correspondente em New-Iork onde ter-me-has á tua disposição, Broadway nº....

— Boa occasião para um passeio, disse Edmundo que já pensava em affastar-se do Rio de Janeiro. Subamos. Talvez resolva-me á acom-

panhar-te. E' pena que não me declarasses a mais tempo esta tua resolução. Magnifica viagem hade ser !

Indubitavelmente o acaso favorecia-o, pensava Edmundo. E' preciso não perder a occasião. O Commendador, a policia, o tribunal... nada !

William contava quando muito seus trinta annos. Possuindo uma fortuna regular a sua vida corria felizmente, graças ao seu genio incansavel e alegre.

Detenhamo-nos a porta do quarto de Edmundo, um compartimento bem arejado, fresco, mas, onde reinava a maior desordem. Trouxas de roupa suja por debaixo da cama entregues aos ratos e ás baratas, calças de todas as côres e feitios, paletots e sobre-casacas misturavam-se pelos cabides e nada faltava alli para que um rapaz da tempera do filho do barão de... sahisse elegantemente vestido e penteado á ultima moda. O leito estava desarranjado como si alguem acabasse de se espojar sobre elle, e á cabeceira o romance de Zola — *Nana*, com as folhas machucadas que o vento açoitava.

Ninguem trajava melhor, e ninguem era mais desleixado que Edmundo. Ninguem possuia uma alma tão corrompida, ninguem sabia imitar

melhor sentimentos nobres. Admiraveis contrastes da natureza !

Chegados ao quarto, William e Edmundo, este tomou assento ao lado d'aquelle e a conversa começou.

— Então, pártes infallivelmente ?

— Já t'o disse. E si queres ter o prazer de visitar o meu formoso paiz não tens mais que arrumar hoje mesmo o necessario para uma viagem longa e... O navio é limpo e nada ha receiar de sua construcção.

Edmundo levou o indicador ao labio como reflectindo e tornou depois de uma curta pausa :

— De accôrdo. A' que horas párte a barca ?

— Ao amanhecer içaremos o ferro e aproaremos á barra. Está em tempo.

— Bem. Hoje mesmo pagarei o hotel e estarei prompto.

N'este instante soaram nove horas.

— Muito bem, como já é tarde e eu tenho visitas á fazer, adeos. Amanhã te esperarei no caes do Pharoux.

— Não ha duvida, adeos William.

Jamais se decedio tão depressa uma viagem. E' que Edmundo tinha medo e remorso e procurava fugir a si mesmo. A imagem branca de

Judith desmaiada, a figura hedionda de Soares no alto da escada, tudo se havia estereotypado na sua imaginação e emquanto o carro rodava para o hotel elle planejava uma fuga.

A intensão do mancebo era deixar a Côrte immediatamente e a projectada viagem de William fôra um achado preciosissimo.

— Tudo irá ás mil maravilhas, monologou Edmundo assim que se vio só no seo quarto. Que leve o diabo a Côrte. Em toda parte ha mulheres. As d'aqui são falsas.

E um relampago de satisfação illuminou-lhe o semblante.

Passou parte da noite a se preparar para a viagem.

A's duas da madrugada adormeceo para despertar ás seis. Em menos de meia hora lavou-se, vestio-se, escovou-se, penteou-se, e lançando um ultimo olhar, um ultimo adeos ao hotel, ao bom quartinho, tomou o tilbury que o esperava. A bagagem devia ser enviada depois contanto que estivesse no caes antes das oito horas. Durante o trajecto do hotel ao logar de embarque mil apparições preoccuparam o espirito de Edmundo. Lembrava-se das magnificas horas passadas no jardim do Sant'Anna, ao doce contacto das cutis setinosas, das mulheres de vida facil,

das suas felizes conquistas no Cassino que tambem frequentara, nos aprasiveis passeios de Botafogo e Jardim Botanico em noites de luar e finalmente lembrava-se de Judith na noite do beijo ardente que depositara nos seos labios de coral.

Uma especie de nostalgia innundava-lhe o coração de melancolia e a cada instante deixava escapar do peito um suspiro.

Soavam sete horas no relogio da Candelaria. Alberto apeou-se no caes.

Já o esperava William ao lado de sua bagagem: duas enormes malas de couro, uma caixa de chapeo alto e duas gaiolas com sabiás. Só faltava a bagagem de Edmundo que dentro de cinco minutos apontou na primeira esquina.

Os bahús foram recolhidos a bordo do escaler da *Brooklin*, os dous viajantes tomaram assento a ré e a pequena embarcação impellida pelos remos resvallou sobre as aguas silenciosamente.

Eram dez horas. Soprava brisa favoravel e o tempo estava magnifico. Os marinheiros da *Brooklin* cantavam á prôa içando a ancora. William e Edmundo encostados á pôpa conversavam distrahidos e admiravam de longe a cidade,

o Pão de Assucar e os Orgãos que não tardariam a desapparecer de seos olhos.

— Eu imagino, dizia Edmundo, o que hão de suppôr de mim os meos amigos. Qu'importa ! Não será por minha ausencia que hão de morrer.

— E não levas alguma saudade... algum amor ? disse maliciosamente o americano.

— Qual ! Ainda crês ? William o meo coração é como um edificio publico onde todos têm entrada. Si eu fôra a ter saudade...

William arregaçou o labio ás palavras de Edmundo e continuou a sua comtemplação interrompida, emquanto aquelle assestava o binoculo para os lados da Gloria.

Entretanto a *Brooklin* ia cedendo ao vento.

— Estamos a caminho ? perguntou Edmundo, observando que as casas iam desapparecendo umas traz ás outras.

— E' verdade, disse William debruçando-se sobre a amurada ; e o navio é bom.

— Tanto melhor, chegaremos mais cedo. E emquantos dias faremos a travessia ?

— E' a primeira vez que viajo á vela ; não te posso affirmar ao certo, mas, creio que nunca antes de um mez. Estes navios encontram geralmente ventos contrarios que os impellem

ás cebebres correntes do Gulf-Stream d'onde custam a libertar-se.

— Diabo!

— Vais ver, porém, o que é bello e grandioso depois dessa longa ausencia de terra. Has de soltar um grito mais cheio de enthusiasmo do que o grumete da Pinta ao descobrir á America,

— O capitão, um verdadeiro lobo do mar, vermelho como um pimentão e gordo como uma baleia, passeiava no passadiço, attento ás manobras, emquanto *Buy*, um bonito Terra-Nova de cabellos negros, media-o com o olhar brilhante de sobre a tolda.

Ainda não eram onze horas quando a barca, a todo panno, montava a ilha Rasa e depois.... perdia-se de vista.

XVII

VOLTEMOS a rua de... onde muito primeiro que nós se acha Alberto prompto a conduzir Judith á casa do padre Nogueira.

Damiana continuava a beira do leito da moça preservando-lhe o rosto candido e sereno das impurezas do ar. Um raio morno do sol, como uma creança que desperta, fendendo a vidraça, penetrava na alcova.

— Damiana, disse a jovem despertando.

— Sinhasinha deseja alguma cousa ?

Judith correo a vista pelo quarto como se temesse que alguem que não fosse a rapariga ouvisse-lhe e continuou com voz debil.

— Veio alguem hoje aqui ?

— Não, senhora. Porque, sinhasinha ?

—Nada... E' que eu tive um sonho triste e tão bonito....

— E não se póde saber...

Alice sorrio-se.

— Curiosa ..?

— Eu gosto tanto de sinhasinha....

— Bem o sei, Damiana, para que m'o digas e nada me é tão doloroso como essa tua escravidão injusta.

— Ora....

— E' que tu, Damiana não sabes o que é ser escrava.

Damiana beijou reconhecida a mão de sua boa amiga.

— E o sonho ?...

— Vou contar-t'o, mas, que ninguem mais saiba.

— Eu sou uma caixinha de segredos.

— Escuta.

Judith sentara-se a beira do leito e com as mãos entre as de Damiana por duas vezes exitou.

— Vamos sinhasinha, ninguem nos ouve...

— Fechaste bem a porta?

— Com a chave.

— Bem. Eu sonhei, Damiana, que minha santa mãe havia descido do céo, toda envolta em nuvens brancas... Como estava bonita !

Um véo fino e transparente de gaza descia-lhe da cabeça e vinha até o chão.

Uma infinidade de anjinhos rodeavam-lhe formando um arco lindissimo, mais bello que o arco-iris e entoavam um hynno. Tudo aquillo me deslumbrava, Damiana, eu nunca vira minha mãe tão bella. Ella trazia nos braços um outro anjinho louro e rosado como um raio de aurora; parecia o menino Deos nos braços de Maria.

— Que bello ! exclamou Damiana ouvindo a descripção da moça.

— Depois, continuou Judith, minha mãe se approximou do meu leito, deitou o menino ao meo lado e disse :

— Minha filha, eis aqui o que te enviou Deos do céo.

Trata-o como filho teo o ensina-lhe a amar o Todo Poderoso ! Disse e sumio-se ao som do hymno dos anjos. Não sei o que isso quer dizer, Damiana, mas, a creança que Deos me mandou era tão parecida com ...

— Com quem, sinhasinha ? Diga.

— Não, não vale a pena. Basta que saibas que era gentil e galante como todas as creanças.

N'este momento bateram á porta do quarto. Judith esperou. Damiana foi abrir a porta para dar passagem á Alberto.

— Póde-se entrar ? perguntou o moço.

— Entre mano. O quarto de uma irmã está sempre aberto a um irmão.

Alberto entrou. Todo o esforço que o mancebo fazia por occultar o que lhe ia n'alma era inutil. Judith, como toda moça bonita, tinha o espirito perspicaz e o olhar penetrante; adivinhou o que se estava passando no interior de seo irmão.

— O que tem que está com o semblante tão desfeito Alberto? perguntou a moça.

— E' que talvez dormi muito esta noite, querida.

— Eu sei; acabou de chorar lembrando-se de hontem... Não se preocupe, esqueça tudo... o Commendador me perdoará...

A presença de Alberto n'aquelle instante alli, não devia fazer bem a Judith. Quando ella terminou a phrase uma chuva de perolas banhou-lhe o semblante.

— Oh! não fallemos mais n'isto Judith. Não chores... Queres que eu me vá ?

— Não, não; é que eu sou tão infeliz....

— Olha, sabe qual o objecto da minha visita ?

— A nossa amizade, nada mais.

— Sim, é a nossa eterna amizade que me prende a ti. Ouve, mas, sem chorar....

— Eu, chorar?

— Pois bem, vou dizer-te tudo. O Commendador chamou-me em particular e pedio-me que nos afastassemos bem para longe de sua casa. Lembra-te do padre Nogueira?

— Como de nossa santa mãe.

— Fui hoje mesmo a sua casa pedir a sua protecção.

— E então?

— Tão bom que elle é! Recebeo-me como ao seu maior amigo e depois de animar-me com suas palavras ungidas de brandura e nobresa abrio-nos as portas do seo coração e de sua casa.

Si souberas Judith o quanto eu me arrependo de ter feito tão pouco d'aquella alma nobre... Tudo quanto soffro hoje é a justa punição do meo passado. Vamos, prepara-te e deixemos de uma vez para sempre esta casa.

Damiana chorava ao pensar em que cedo viria a hora em que com tanto sacrificio separar-se-ia de sua boa protectora. A cada palavra do moço ella sentia despedaçar-se-lhe o coração e de quando em quando levava a mão ao peito como para comprimir a dôr insuportavel que o esmagava.

— Choras, Damiana? perguntou Alberto

ouvindo os soluços da rapariga. Ella porém nada respondeo.

Judith tomada de um sobresalto correo aonde estava Damiana e cinjio-a com o braço affagando-a ao seio.

— Até tu soffres, minha amiga, até tu !... Tem paciencia, confia em Deos. O bom filho a casa torna. Talvez nos encontraremos ainda. Por agora tudo é impossivel.

Quão amargas eram aquellas palavras para a desgraçada rapariga !

— Vamos, despeçam-se, disse Alberto. A nossa demora póde suscitar suspeitas.

Judith cobrio-se com um chale branco de lã, abraçou com impeto sua amiga e deo o braço á Alberto.

O Commendador esperava-os na sala. Ao vel-os apparecer ergueo-se do sophá onde se recostara e estendendo os braços á Alberto apertou-o contra o peito. Dir-se-ia um pai no momento da partida de seo filho.

Judith abaixara a cabeça e deixava correrem as lagrimas uma a uma pelas suas faces.

Era a ultima vez que se viam.

Uma scena mais dolorosa esperava Judith ao tomar o carro. Damiana chorava com uma louca á porta da rua. Sentada á calçada tinha

no collo um objecto, uma cousa disforme e repugnante que se movia.

Era a galga, a sempre leal companheira de Judith.

Ao vel-a a moça soltou um grito de dor:

—Nina ! E o carro partio.

XVIII

PARA servir de epilogo a esta historia talvez incrivel basta-nos citar uma carta de Alberto a um dos seos amigos, carta que obtivemos graças a uma muito feliz coincidencia que não vem a proposito explicar.

Felizmente consegui copial-a textualmente, palavra por palavra.

Antes porém digamos alguma cousa sobre os outros personagens.

O Commendador foi viver para a sua fazenda em S. Paulo, onde vive felizmente ao lado de seos irmãos.

A companhou-o a Damiana que depois tornou-se a victima imbelle dos caprichos de D. Quiteria. A galga, demo-lhes as honras de uma personagem, a galga, a pobre Nina succumbio logo no dia seguinte á partida de Judith.

Ninguem soube mais noticias de Edmundo.

Agora a carta de Alberto que é interessante.

Eil-a :

« Meo bom amigo.

Como te havia promettido, fui hontem ao Passeio Publico.

Digo-t'o para que saibas de um facto interessantissimo e que merecia bem um logarsinho na historia do coração humano.

A noite, como deves te lembrar, era das mais formosas e proprias para um passeio ; a banda allemã executava um trecho melancolico do sentimental e divino Bellini.

Havia muita gente e para que eu não me confundisse com a multidão, eu, pobre obscuro, fui abrigar-me á sombra de uma arvore a beira de um d'aquelles poeticos lagos artificiaes. Ha momentos, meo amigo, em que a solidão é tão necessaria ao homem como o ar que elle respira; eu estava em um desses momentos. Pois bem, J....., foi d'ahi, desse recanto do Passeio que eu vi passar um moço, um dos nossos mais apreciados poetas, conduzindo pela mão uma criança que contaria talvez cinco a seis annos. A impressão que me causou essa creança, esse anjo, que outro nome não tem creatura tão perfeita, foi tão profunda que ainda hoje debalde tento

sua imagem scintillante. Amo-a como se ama uma moça. Juro-t'o, depois de minha mãe, depois de Judith, nunca creatura nenhuma abalou-me tanto o coração. N'aquella occasião chorei, sem saber o que sentia. Por mais que dê tratos a imaginação não comsigo explicar tão extraordinario phenomeno. Parece-me que Deos compadecendo-se de mim quer me fazer experimentar todas as felicidades. Judith é a mesma ainda. Melancolica e pensativa ninguem lhe póde apagar da mente a idéa de que soffre do coração. Cada vez que fita o olhar no filhinho, esse primeiro fructo de suas entranhas, beija-o mil vezes. Judith jurou baptisal-o com o mesmo nome do pai. O nosso bom protector em nada se lhe oppõe.

Ah! meo amigo, quanto é bom ter a gente um amigo verdadeiro, um ente que saiba adivinhar os nossos pensamentos e que saiba ler no nosso semblante o que nos vai pela alma! Como é doce a amizade verdadeira! A's vezes eu, o nosso bom amigo, o padre Nogueira e Judith passamos horas inteiras a conversar sobre o passado, e é admiravel ouvir-se então o sacerdote! Aquelle coração parece todo transformado em amor. Trata-nos, é excuzado dizer-te, como verdadeiros filhos. Alma divina!

Que differença da minha vida passada para a de hoje!

Nada ha como o amor, e a virtude.

Adeos, meu amigo, sê feliz e lembra-te sempre d'aquelle que só tem um desejo n'este mundo—morrer tranquillo.

Teu do coração

Alberto.

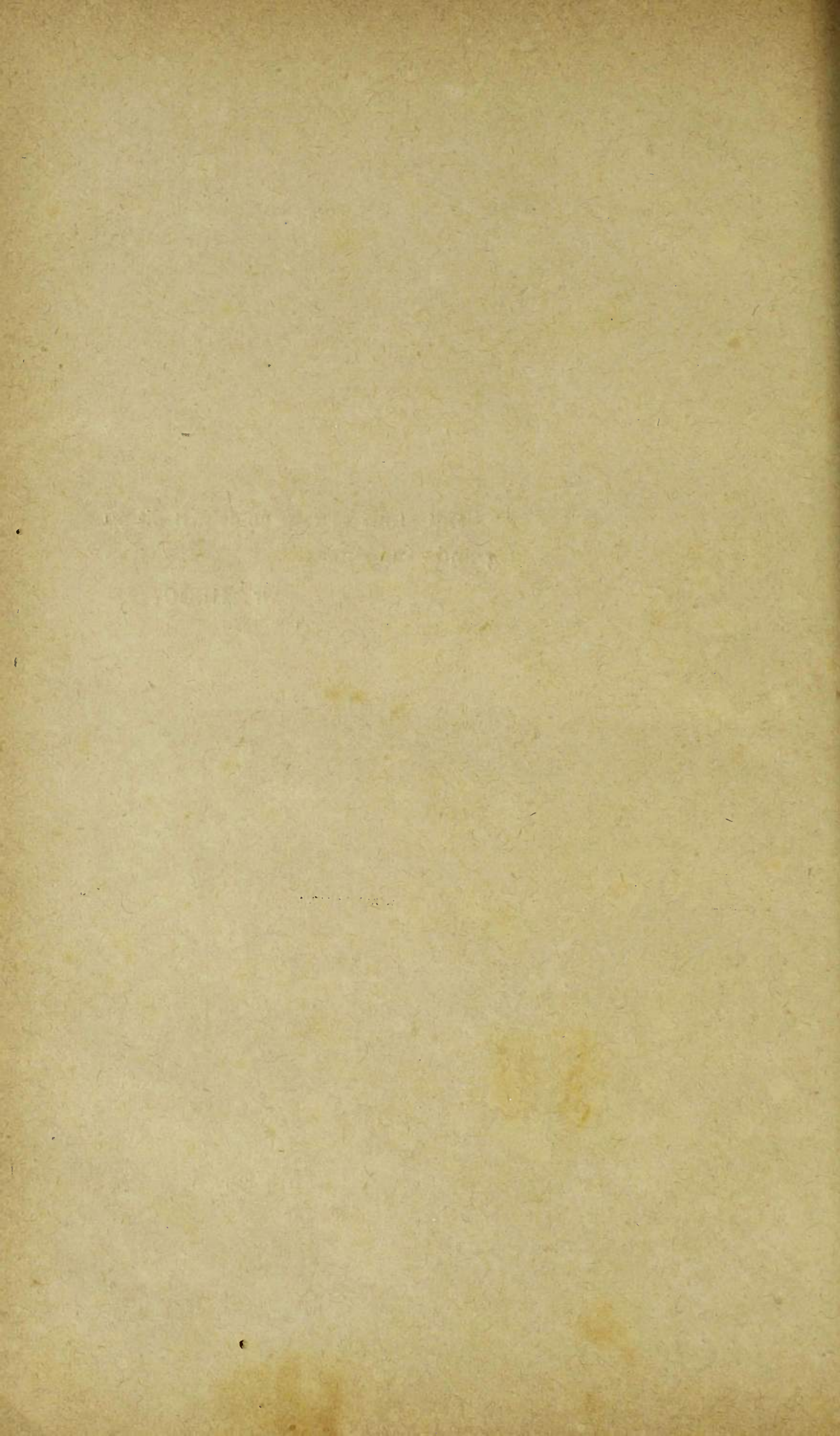
Corte, Dezembro, 188....»

LAGRIMAS

DE

UM CRENTE

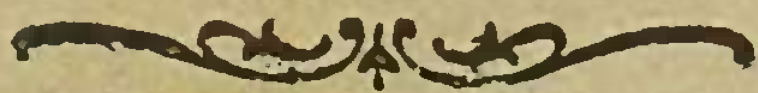
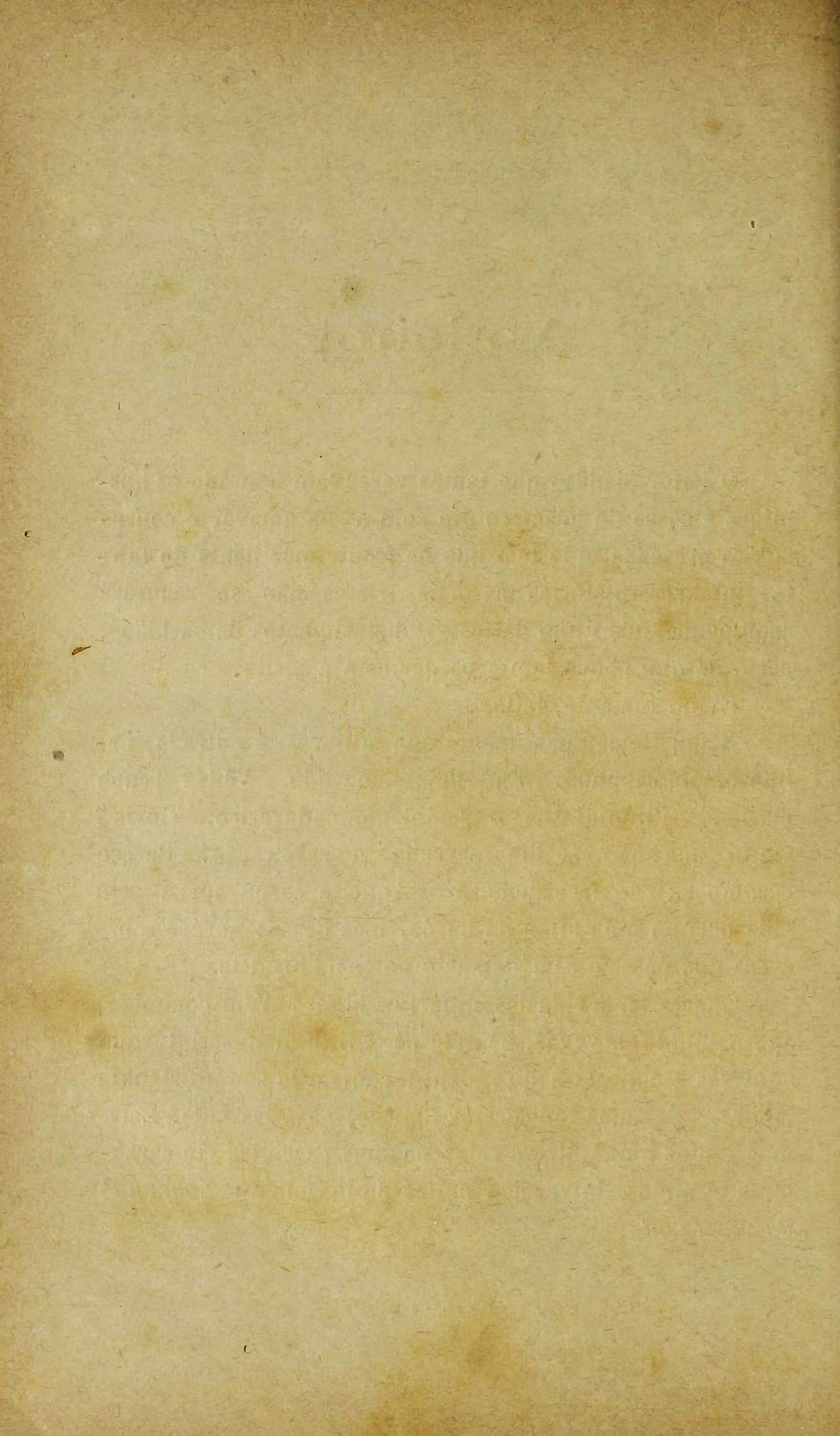
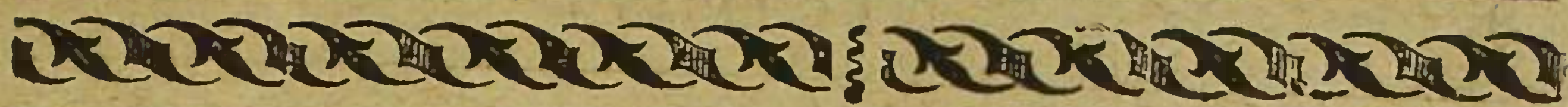
Oui, tout grand cœur a droit aux
grands infortunes.

V. HUGO.

Ao leitor

O leitor piedoso que tantas vezes tem honrado os hospitaes e casas de mizericordia com a sua amavel e consoladora presença, que tem lido na fronte macillenta de tantos infelizes historias as mais tristes, não se recusará acompanhar-me á um destes estabelecimentos de caridade, certo de que pouco tem a perdèr com a visita.

E' um instante, leitor.

N'aquelle compartimento que alli vês, á entrada, habita um moribundo. Entremos sem ruido. Vêde? Tenue claridade illumina-lhe o semblante cadaverico. Ouvis? Quasi que não se lhe percebe a respiração. Parece resomnar; não accordemol-o. Aquelle corpo quasi sem vida occulta uma alma de heróe, mas desses heróes obscuros que passam sem deixar o nome na historia.

Queres ler a vida deste martyr, leitor? Vem commigo, approxima-te de vagar, pé ante pé. Este manuscripto que aqui vês a cabeceira do doente contem a sua existencia inteira. Sejamos indiscretos uma vez na nossa vida. Leiamos juntos o que dizem estas paginas escriptas em caracteres tremulos, talvez em noites de insomnia: *Lagrimas de um crente.*

I

MEU amigo.

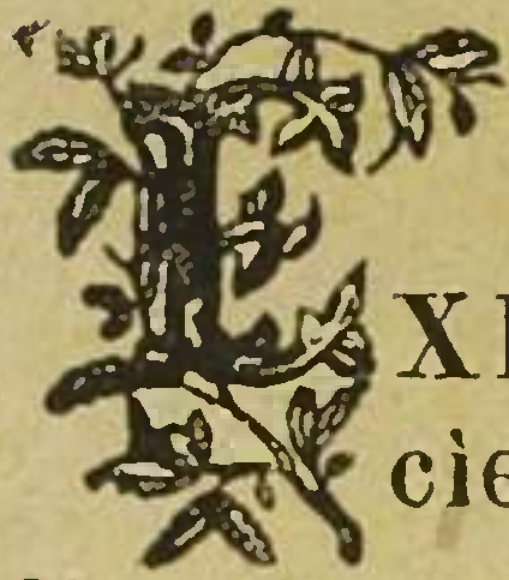
Que melhor nome poderia eu achar com que baptisar estas pobres linhas tão sahidas do meo coração? Verdadeiras lagrimas de um crente—eis o que ellas são na realidade. Dediquei-t'as com o pensamento em Deos.

Quando se tem na vida alguem que nos ame, que nos proteja quando precisamos, que saiba avaliar as pulsações do nosso coração, que seja, emfim, o fiel confidente de todos os nossos segredos, até os mais intimos, certo se é feliz. Todavia, não é completa a felicidade quando se tem um passado, senão vergonhoso, cheio dessas aberrações que a sociedade e a maior parte dos homens despresam, repudiam. Eu estou n'este caso. De um lado sinto um prazer indizivel cada vez que me lembro de ti, que existe um

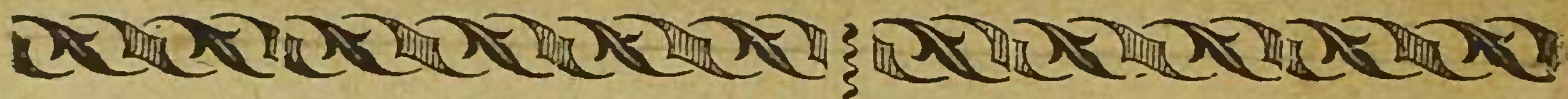
ente que repartio comigo as delicias de sua existencia e me buscava quando eu me occultava dos outros homens ; d'outro lado estremeço ao pensar nos terriveis preconceitos que tanto me fizeram soffrer.

Escrevo-te do leito, desse lugar sagrado onde o homem nasce ama e morre. E porque te escrevo ? Porque sacrifico este resto da minha vida em pensar e escrever tanto, quando os medicos me aconselham que o maior esforço de imaginação me é prejudicial nas circunstancias em que me acho ?

Eu te digo. Tu, mais que ninguem neste mundo, conheces toda a minha vida; apprendemos a amar no collegio onde nos vímos pela primeira vez, e, desde então, soubeste ser sempre o meo melhor amigo, o receptaculo inquebrantavel de todos os meos segredos.

Mas, ou por medo ou por vergonha, esquivei-me sempre de te contar certas particularidades da minha vida que eu desejava ninguem soubesse; agora, porem, que, calmo e impassivel como um martyr, espero a minha hora derradeira, quero ter o que legar áquelle que foi para mim como um segundo pai—a historia da vida de um enjeitado, de um filho sem pais.

Lerás n'este manuscripto como no proprio

livro de minh'alma. Deos, esse meo pai e pai de todo o mundo, ha de permittir que eu conclúa esta historia sombria. Quarda-a como uma reliquia, que são paginas da alma de um desgraçado.

II

EXISTE nas cidades populosas trez especies de habitações: a choupana, a casa ordinaria e o palacio; assim, nos cemiterios ha trez especies de tumulos : a vala commum, a carneira e o sarcophago, onde repousam o mizeravel, o pobre eo rico. Tudo é assim, louvado seja Deos! Até na morte ha distinção de classes.

Si fôres algum dia ao cemiterio de S. João Baptista has de notar entre os numerosos epithaphios espalhados sobre as lousas dos pobres o seguinte cuja singeleza te ha de commover:

« Edwiges T......
Rio, 20 de Março de 188.»

Sob essa pedra fria e abandonada dorme o ente que eu mais amei e respeitei sobre a terra. Era ahi que eu ia todas as tardes orar por aquella que fez por mim o que faria por seu filho uma

mãe carinhosa. Não te será difficil encontrar no vasto campo das cruzes esse humilde torrão onde se acha sepultado um pedaço do meo coração. Fica debaixo de um cypreste, algumas braças distante do portão central do cimiterio e eu tive a lembrança ou superstição de mandar erigir á sua cabeceira uma estatua representando um anginho desprendendo o vôo, segurando em uma das mãos uma corôa de goivos murchos e n'outra suspendendo uma lyra.

Não ha palavras humanas, não ha pensamentos que possam dizer o que foi esse anjo, porque as cousas divinas não têm classificação entre as da terra.

. . . .

A minha infancia, o começo da minha triste existencia, contou-m'a ella, a minha boa, a minha santa Edwiges, quasi a expirar, e agora, depois de tanto tempo, é que eu comprehendo parte do desprezo que me votava o mundo.

Era em uma d'essas noites de Outubro, ás vezes tão tempestuosas no Rio de Janeiro. Havia se desencandeado sobre a cidade um tufão violento de que restavam pedaços de nuvens desgarrados no ar e um frio de rachar.

Uma chuva fina borrifava as ruas ainda enla-

meadas; via-se pouca gente na cidade. Só de quando em quando passava um carro todo fechado e desapparecia logo. A rua Sete de Setembro estava meio escura; os lampeões tremiam ao açoite das fortes rajadas do nordeste.

Uma voz debil de creança quebrava a estupida monotonia dessa rua: á porta de uma casa terrea, sobre a calçada humida, tremia e gemia um desses innocentes que a sorte abandonou: tinha fome e tinha frio. Era talvez outro Moysés, mais infeliz que o da escriptura, que em vez das aguas crystalinas do Nilo tinha para leito a lama da rua. Quem era esse innocente que accordava com os seos gemidos os pacificos moradores d'aquella rua ? Era aquelle, meo amigo, que mais tarde devia ser o teo mais sincero amigo, era eu. Parece que Deos me havia destinado a soffrer, soffrer mais que os outros homens; até morrer.

E que maior gloria que a que provém da dôr ?

Desgraçado d'quelle que sem soffrer conseguio ser feliz !

Eu tinha, então, pouco mais de cinco annos; trazia, portanto, o coração ainda immaculado e não sabia o que era o Mal. Si o soubesse, talvez n'aquelle instante fosse elle a taboa de

salvação a que eu me agarraria como o naufrago já sem forças para luctar com as ondas.

Depois de muito tempo, cançado já de soluçar, abrio-se a porta onde eu me encostara e, como um anjo enviado por Deos, appareceo, com uma lampada na mão, um vulto branco.

Abriam-se-me de par em par as portas da Providencia.

Assim tão inopinadamente interrompido de chorar, volvi-me enxugando o pranto com a manga esfarrapada da camisa que me cobria e de joelhos adorei aquella apparição deslumbrante que afigurava-se-me a imagem da Caridade.

Era uma mulher, e a primeira palavra que brotou dos meos labios foi— mamãe.

A mulher tomou-me nos braços como si o fizesse a um filho e, approximando-me da luz, beijou-me a fronte dizendo :—D'hoje em diante tu serás o meo filho. Vem .. vamos dormir,

Bemdicta hora aquella em que uma mulher me chamava de seo filho !

Edwiges me contou tudo : que havia se levantado do leito em camisa, quasi núa; que o meo contacto n'aquella noite como que a purificara e que eu não cessava de perguntar si ella era a minha mãe.

Disse-me mais, meo amigo, que, jovem

ainda, aos desoito annos, o seo maior desejo fôra ter um filho, mas, que nunca o conseguira porque a tinham arrastado ao crime.

Oh ! como eu devia dormir bem aquella noite, ao concheço de um corpo macio de mulher, depois de uma hora de abandono !

No dia seguinte quando despertei já era tarde; a minha boa mãe já estava de pé. Eu olhava para as paredes da alcova, para o tecto, desconfiado, com medo.

Não preciso dizer-te mais dos dias que se seguiram

Comecei a tratar Edwiges por—*mãesinha*.

A's primeiras noites dormimos juntos, no mesmo leito; depois, crescendo em annos, separamo-nos. Então começara eu a frequentar a eschola. Entretanto, os nossos quartos eram visinhos. Nada me faltava alli.

Edwiges não consentia que eu me deitasse sem fazer oração; mais de uma vez me fez levantar para cumprir esse seo desejo.

— Não quero, dizia-me então, batendo o pésinho, com ar de agastada. Hade rezar..... N'esta casa não ha atheos.

Ao me vestir para a eschola ella mesma me penteava, me escovava, prodigalisando-me todos os cuidados de uma verdadeira mãe. Quando eu

voltava da licção encontrava-a á janella esperando-me.

Santas recordações da infancia, como avivais em nosso coração delicias que se apagaram com o tempo !

Como sois doces, minhas amigas ! Vinde, vinde que eu vos amo !

III

EDWIGES era pallida como as virgens martyres maceradas pelo cilicios. Seos cabellos lembravam os de Margarida, a arrependida.

A expressão do seu olhar tinha a doçure mysteriosa do olhar de Magdalena. Mas, toda a sua belleza natural occultava-se sob os artificios com que ella se enfeitava para parecer mais bella. Do aroma mais precioso ao mais rico vestido, tudo ella possuia.

Ha tres cousas, meo presado amigo, que eu respeito como sagrados : a creança, a mulher e o ancião.

E si me perguntassem : si adoras a mulher não deves excluir a perdida ?

Eu responderia : — Sim, não excluo. Respeito-a e adoro mais que a qualquer outra, porque nenhuma é mais digna de compaixão.

A mulher é fraca de natureza, só a mizeria

e o abandono levam-n'a a perdição. Si o homem protegesse, como deve, a mulher, não haveria tanta prostituição na sociedade.

A minha passagem pela eschola foi rapida como um sonho. Aos quinze annos já eu tinha a maior parte dos preparatorios para a academia, graças á muita força de vontade e a muito estudo. Todavia, fui sempre o mais obscuro dos meos collegas, sobresahindo entre elles só pelo comportamento. De cáracter serio e sombrio, poucas vezes se me via nos grupos ; buscava o affastamento, a solidão, porque sobre tudo tinha uma alma dada á meditação. Havia dentro em mim alguma cousa de extranho aos outros. Durante esse tempo nunca tive um amigo. Todos fugiam de mim, como de um phantasma nocturno. Nenhum, porém, ousava offender-me ; respeitavam-me. Eu nunca fui orgulhoso, mas, não podia acostumar-me á sociedade. Na idade em que os outros brincavam eu pensava. Era uma especie de Rousseau em miniatura. Habibituara-me de tal modo aos cantos que rara vez se me via com alguem que não fosse Edwiges.

Chamavam-me de frio, molle e indolente.

— Nem parece gente, ouvi dizer uma vez.

E' que eu vivia mais do espirito que da materia.

Contemplava — é o termo.

Só ria-me á uma pessoa — Edwiges.

Cedo apprendera a olhar as cousas como ellas são.

E' por isso que aos doze annos já eu guardava duvidas sobre a reputação de Edwiges e sobre a minha procedencia.

Mas, o que m'importava o mais si aquelle nome — *meo filho*, tantas vezes repetido por ella, soava-me tão bem no coração? Lembrava-me de que um dia podia saber tudo e essa idéa me consolava. Entretanto, outro pensamento mais grandioso germinava em meo cerebro: — trabalhar, trabalhar muito para poder auxiliar a Edwiges. Ninguem era mais economico do que eu. Um vintem que ella me desse, um nickel para bond, tudo eu guardava cuidadosamente, fazendo mil sacrificios. Uma vez, ao voltar da eschola, Edwiges estava á janella como do costume. O bond passava pela porta e como ella não me visse saltar e sim apontar, a pé, no extremo da rua, cançado, as faces em fogo, quasi chorou.

— Isso não se faz, filho, dizia ella enxugando o suor que escorria do meu rosto. Vir a

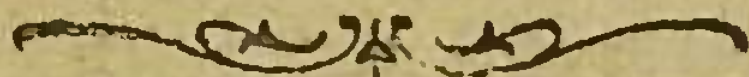
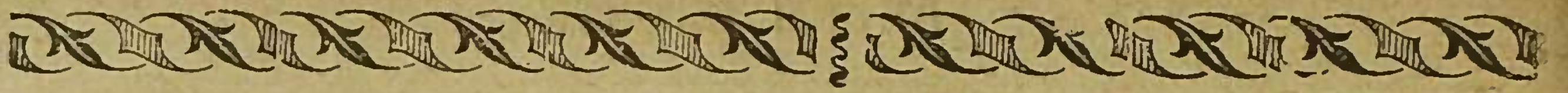
pé de tão longe ! Outra que me fizer fico zangada...

Depois correeo-me o bolso do casaco e achando intacto, como ella me dera, o nickel, tornou :

— Meu Deus ! E eu que suppunha-o perdido ! Meu filho é muito máo para a sua mãesinha...

E beijou-me as faces. E aquelles beijos eram como sopros divinos que animavam-me,que me commoviam.

— Foi descuido, dizia eu gracejando ; desejo de passear...

Assim passavam os primeiros dias da minha juventude, tão curtos e tão bons !...

IV

EDWIGES possuia uma compleição debil, franzina como a de uma ave. A mais leve commoção fazia-a chorar.

Muitas vezes a sorprehendi a soluçar, com a cabeça mergulhada no travesseiro.

Aquellas lagrimas eram um problema para mim que as não comprehendia.

— São saudades.... dizia-me ella.

— Saudades?

— Sim, saudades de um bem que não volta mais... E affagava-me a cabeça no seo seio, resignadamente, religiosamente.

Boa mãe que ella seria si algum dia tivesse um filho! São assim os dias da infancia: correm e quando a gente se descuida.... vão longe.

Chegou o momento de te escrever a pagina mais triste de minha vida, meo amigo. As lem-

branças tristes do passado começam a aniquilar-me; o coração bate-me apressadamente.

Como que já sinto o frio medonho da terra sobre o meo corpo. Todavia, é preciso não esmorecer.

Eu havia chegado aos meos deseseis annos, á idade dos sonhos, bom tempo em que se vive de utopias. Cada vez me apegava mais a solidão, cada vez aborrecia mais os homens.

Quem não ama aos desesseis annos Luiz, quem ?

Quem n'essa quadra da vida não se vio dominado por um olharsinho de menina, almo e bom?

E comtudo, eu sempre fôra indifferente às mulheres.

Alem de Edwiges não conhecia outra.

N'essa epocha comecei a notar certos transformações no semblante de minha protectora. A rosa de suas faces ia perdendo a sua côr fresca e uma tossesinha secca perseguia-a á todo o instante. Agora levantava-se mais tarde, sol fóra, e tinha momentos de delirio.

— Quando cu penso, dizia-me ella, que, de um momento para outro, posso deixar-te sósonho no mundo... Mas, meo filho nunca se ha de esquecer de sua mãe, não é assim? Irá todos os dias ao cemiterio....

— Não falle assim, interrompia eu; é tão moça ainda.

— Moça... A morte não escolhe: vão velhos e creanças.

E eu calava-me para não commoveal-a mais.

Um dia, quando eu voltava da licção, vi sahir de casa um homem.

— Quem é? perguntei.

— Um amigo de meo pai, disse-me, abaixando os olhos naturalmente.

Instinctivamente fui ao seo quarto. O leito estava em desordem e eu vi sobre a meza uma nota, si bem me lembra, de 20$000.

— O que quer aqui? tornou-me Edwiges fingindo um sorriso. E' prohibido aos homens ir ao quarto das senhoras.... Esse dinheiro é para as compras...

Uma desconfiança vaga invadio-me a mente; mas, tudo desappareceo entre beijos.

Chegou afinal o dia fatal em que eu devia chorar pela segunda voz em minha vida.

Havia uma semana que Edwiges cahia no leito.

A febre devorava-a lentamente, a tosse enfraquecia-lhe o peito a mais e mais.

Durante todos esses dias poucas vezes pude

cerrar as palpebras por um instante. Não sei qual de nós soffreria mais, si Edwviges no leito, chumbada pela fatal doença, si eu com toda a minha saude. Não sei si já experimentaste esta dor que nos é transmittida de outro corpo animado por uma alma que nós amamos.

Embalde esforçava-se a sciencia; a molestia, no seo ultimo periodo, avançava cada vez mais e sempre que o medico ascultava a doente menéava instintivamente a cabeça entreabrindo levemente os labios n'um sorriso desanimador. Então, eu sentia um peso horrivel no coração; olhava para os olhos do homem como um desvairado, tinha impetos de gritar-lhe em face: mentes! de agarrar os meos cabellos e sahir rua fóra, a bradar como um doido: Valha-me Deos ! de abraçar o corpo debilitado de Edwiges e dizer-lhe: Não morres, não; sim? E' mentira do doutor... Ninguem, nem Deos ! te pode arrancar dos meos braços. Cada suspiro, cada gemido da victima era um pedaço de meo coração que arrancavam. E chorava, chorava, como si lagrimas dessem vida !

Uma vez disse-me ella vendo-me enxugar uma lagryma:

— Estás chorando !.... Não vale a pena Nós todos temos um mesmo fim... Socego...

E accresentou sentando-se no leito:

— Olha, vês aquella cruz de brilhantes que está sobre a commoda ? E' tua, guarda-a como lembrança de tua Edwiges, de tua mãi..,

Palavras esmagadoras !

Quanta dôr n'um peito só !

E comtudo, não era chegada a hora final d'aquella creatura.

Então ella me contou tudo: que eu fôra apanhado na rua, em uma noite tempestuosa; que não tinha pais e que ella, uma mulher perdida, se fizera minha segunda mãe.

Só se soffre assim uma vez na vida, meo amigo; mais, é a morte.

Ser orphão duas vezes, que maior desgraça pode haver ?

Ella, morrer ! Edwviges, a boa, a santa Edwiges !

E a lucta era medonha dentro em mim.

Mettia pena o estado da pobre rapariga. Os braços sahiam da camiza, finos como os de um recemnascido, brancos como leite; nas faces nem uma gota de sangue e os olhos pareciam já sem luz. Como é ephemera a belleza ! pensava eu comigo. E isto ainda ha de se decompor !

Era hora de tomar o medicamento receita-

do pelo doutor. Levantei-me de manso e fui buscar sobre a commoda um vidro de remedio.

— Vamos, disse eu, segurando em uma das mãos a cabeça de Edwiges e com a outra uma colher. Tome de um golle.

Ella ergueo-se sentando-se no leito. Depois, entreabrio os labios e eu derramei o xarope.

— Como é doce, disse ella dando pequenos estalidos com a lingua. Bom medico !...

— Agora, tornei-lhe, veja si consegue adormecer.

Ella deitou-se e eu fui orar.

Felizmente durante a doença ningnem fôra importunar a Edwiges. Eu havia recommendado a creada:—Si vier alguem, diga-lhe que a senhora não pode receber.

Excusado é dizer-te que não dormi essa noite como nas outras.

Ao amanhecer eu me achava á cabeceira da doente.

Estavamos na primavera.

Um gorgeio mavioso penetrava na alcova misturado com o cheiro agradavel das madresilvas do jardim. Cheguei á janella entreaaberta: nem uma nuvem no céo; um murmurio suave desprendia-se dos ninhos e dos calices das flo-

res. Ha muito tempo não via uma manhã tão bella !

N'uma cascatinha artificial cantava a agua, gota a gota, no fundo crystalino de uma bacia de marmore; as borboletas em cardume emchiam o ar de leves ruidos, perseguindo umas ás outras. Afinal, embevecido na contemplação da natureza, ouvi a tosse de Edwiges e a sua voz fraca, quasi inperceptivel que me chamava.

— Que horas são ? perguntou-me.

— Quasi sete; deseja alguma cousa ?

— Não. E' que amanheci com uma vontade de passear..... Que dia é hoje ?

— Sabbado; amanhã é domingo...

— Domingo. Uma semana já ! Um anno !

— Quando ficar bôa, iremos para o campo, sim ? Havemos de morar em uma choupana, bem longe da cidade. Que bom ! Havemos de viver um para o outro, livremente, como as aves....

Um suspiro abafado, como um gemido, interrompeo-me.

— Dá-me agua ? disse Edwiges.

E eu corri a satisfazer-lhe.

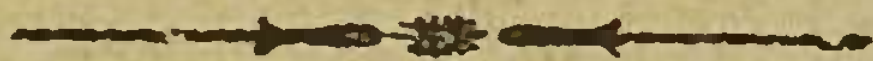
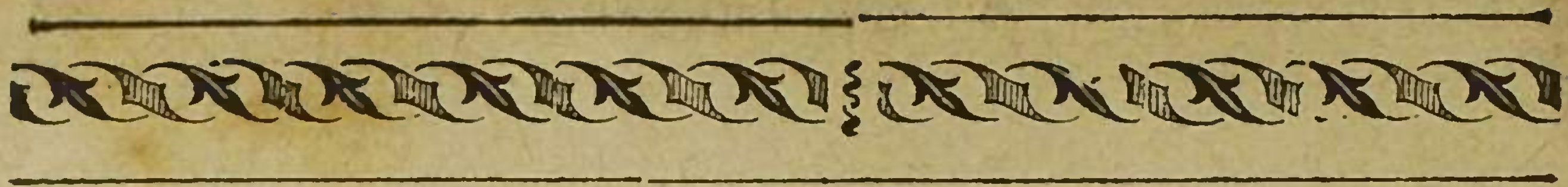
— Bôa agua ! tornou ella enxugando os labios.

Ouvia-se o barulho matinal da rua. Era a

hora em que costumava passar o homem do leite. Os garotos gritavam o nome dos jornaes do dia. De vez em quando uma voseria confusa invadia o quarto: eram operarios que passavam para o trabalho.

Edwiges passara melhor n'aquella noite; a febre recrudescia e a tosse diminuira mais.

Um raio tenue de esperança animava-me. Era bem possivel que Edwiges escapasse de morrer.

V

SERIAM seis horas da tarde.

Como fosse vespera de domingo os sinos repicavam.

A cidade do Rio de Janeiro de triste que estava assimilhava-se a uma casa onde morresse alguem; tinha murmurios que lembravam o abrir das sepulturas, o passar de um enterro. Um scilencio enorme subia da terra com os vapores da cidade. Havia pouco movimento pelas ruas : um ou outro transeunte apressava o passo á tomar o bond; de quando em quando atravessavá um grupo de bohemios que ao som de guitarras e pandeiros iam fazendo dansar alguns macacos e um velho urso.

Eu e o doutor Aprigio contemplavamos com resignação o padecer lento de Edwiges.

Voltara a febre e o peito arfava-lhe des-

compassadamente; estava voltada para o lado da parede e parecia adormecida. Nenhum de nós ousava dizer uma palavra; havia quasi mma hora que estavamos silenciosos.

Quebrava o scilencio da alcova o tic-tac do relogio e os sons vagos de uma musica.

Eram uns musicos ambulantes que tocavam no fim da rua.

Eu estava em um desses momentos em que a alma cheia de melancelia, abandona o corpo em busca d'outras regiões. O doutor, bom velho e melhor amigo, tinha o ar concentrado e passeava de braços cruzados sobre o peito.

Dir-se-ia que esperavamos a realisação de uma profecia. Afinal a doente fez um movimento sobre si mesmo, soltou um gemido leve e voltou-se para nós. Grandes manchas rubras desenhavam-se no seo corpo, indicando a cadeia de dores que o martyrisavam.

Eu approximei-me do leito, tomei entre as minhas as mãos de Edwigés e beijei-as respeitosamente.

— Meu filho, balbuciou ella.

O doutor passeava circunspecto como si uma duvida terrivel pairasse no seo eerebro.

Olhei-o como interrogando e elle virou-me o rosto.

Houve um momento porém em que, não pudendo mais dominar-se, puxou do lenço e cobrio o rosto soluçando.

Foi o derradeiro instante meo amigo, levantei-me como impellido por uma mola.

— Doutor !... Aprigio !

Elle então, fazendo um esforço supremo lançou-se nos meos braços, dizendo entre soluços continuados :

— Tudo se acabou !...

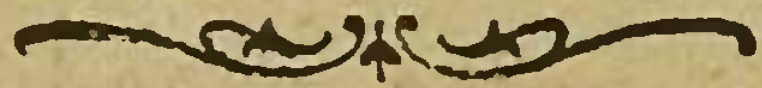
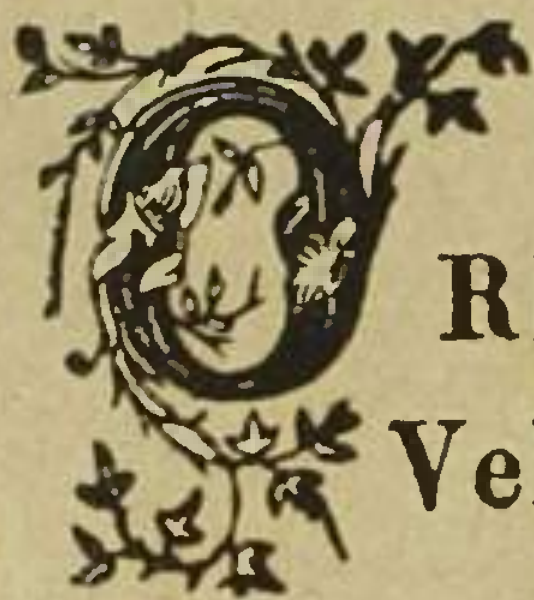
Voltei ao leito de Edwiges, louco, desvairado, cambaleando como um ebrio. Ella, a minha segunda mãe, tinha os labios entreabertos, o olhar sem movimento, fixo em uma esculptura da Virgem que se achava defronte, fria, gelada... estava morta !

Nunca me heide esquecer, fiquei como petrificado, sem dar palavra, recebi o golpe sereno, inerte como uma estatua. Depois beijei aquelle cadaver nos labios, aspirei mais uma vez o perfume d'aquellas tranças e erguendo os olhos ao tecto balbuciei : — Seja tudo pelo amor de Deos !

. . . .

Os musicos ambulantes approximavam-se. N'esse momento tocavam a Marselheza.

Diriji-me á janella e paguei-os : — Vão tocar para longe... E' favor ..

VI

O RESTO tu sabes, Luiz.

Velei toda a noite o cadaver de Edwiges. O doutor, o bom doutor Aprigio, auxiliou-me a amortalhal-o.

No dia seguinte um coche funebre dirigia-se caminho do cemiterio de S. João Baptista acompanhado só por um carro que nos conduzia, a mim e ao doutor.

E assim desappareceo de sobre a terra o amparo de minha infancia, a minha querida Edwiges. Si eu não existisse talvez a enterrassem na primeira valla, sem que ninguem lhe dissesse :

— A terra te seja leve ; tu pesaste sobre a terra !

Entretanto, o que me cumpria fazer desde que me via só no mundo ? Esquecer tudo,

mudar de casa, afastar-me do contacto venenoso da sociedade ?

Não ; seria loucura. Aos dezeseis annos trabalha-se, lucta-se pela vida ; recuar seria covardia.

Rara vez deixei de ir ao cemiterio desfolhar goivos sobre a lousa de Edwiges.

Ao voltar dessas tristes romarias um marasmo invencivel apoderava-se do meu ser. Como luctar, pensava eu, sem um pharol para guiar-me neste deserto immenso ?

N'esse tempo eu frequentava o primeiro anno de Medecina. Impossibilitado, porém, de continuar os meus estudos, de braços com a desgraça, buscava um meio de não succumbir á fome e á mizeria. Entregava-me com affinco ao estudo das mathematicas elementares e a força de trabalho e algum renome tornei-me proffessor aos desoito annos. Ao meu estimado amigo o doutor Aprigio devo a feliz lembrança ; em pouco tempo vi-me rodeado de discipulos que, movidos pelo amor e o interesse que eu os votava, amavam-me como a um pai.

Eram quasi todos creanças.

Toda a minha esperança concentrava-se n'aquelles innocentes. Gostava de os ensinar e não só fazia-os comprehender as mathematicas

como ensinava-lhes a crer, chamava-lhes a mim como fazia o Christo, e pregava-lhes a santa doutrina do martyr do Golgotha.

Como eu fosse muito novo ainda chamavam-me, que extravagencia ! o *doutorzinho.*

Preciso é que te diga, meo amigo, eu sempre fui avesso ás mathematicas; era um sacrificio para mim o fazer um calculo por mais simples que elle fosse.

Uma imaginação como a minha não pode cuidar das cousas positivas.

O Ideal era a minha patria predilecta.

Mas era preciso voltar o olhar para baixo.

Desgraçados os poetas si levassem a vida inteira a fazer poesia. Para isso seria preciso que não existisse esse orgão faminto que se chama — estomago.

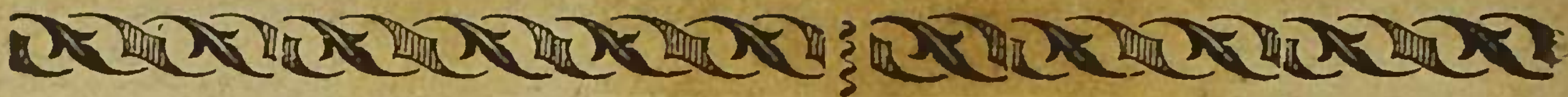
As noites passava-as eu sobre os livros, estudando.

Esse viver, porém, a pouco e pouco foi se tornando monotono, insupportavel.

Na idade do amor eu era indifferente a essa creatura sublime — a mulher, e tu sabes, ha uma epocha na vida de todo o homem que não se comprehende a vida sem esse halito divino — o amor.

Eu estava n'essa idade.

Sempre que me recolhia de volta do cemiterio ou de minhas obrigações, começava a sentir uma certa e inexplicavel repugnancia pelo silencio. Vinha-me ás vezes uma vontade indizivel de atirar-me com soflreguidão aos bailes e divertimentos publicos, de esquecer o passado e a minha humilde posição social... Mas, em vão. Não podia apagar da imaginação a imagem de Edwiges que parecia rir-se de minhas loucuras. O quarto da rua Sete, a alcova, o homem que eu vira sahir ao voltar da eschola, todas essas idéas baralhavam-se-me na mente.

Só os meos discipulos sabiam que eu morava em um humilde cubiculo da cidade, eu, um explicador de mathematicas.

VII

UM dia, acabada a licção, um dos meus discipulos, o mais querido (ha sempre uma flôr que sobresahe entre as outras) apresentou-me um envellope cuidadosamente fechado. Dir-se-ia uma carta de namorada. Os outros haviam se retirado e só o Luizinho ficara comigo.

Era o mais criança de todos, teria oito annos. Seria difficil descrever-se esse meu pupilosinho. Já leste o « Raphael » de Lamartine? Luizinho e Raphael deviam-se parecer.

Aquelle não tinha uma alma apaixonoda e scismadora como a d'este — dava-se mais ás cousas terrenas.

Luizinho era intelligente e esperto como poucas creanças na sua idade.

Ao entegar-me a carta disse, affastando o cabello dos olhos, uns magnificos cabellos louros :

— E' um segredo que só o senhor pode saber. Cuidado....

Abri curiosamente o envellope e eis o que encontrei escripto n'um cartão de visitas, em lettras bordadas :

« Luiz de Carvalho Siqueira Junior.»

E mais em baixo :

Comprimenta seo illustre mestre e convida-o a honrar sua casa no dia de seos annos, á rua das Larangeiras n°....

Ao terminar a leitura ri-me.

— Acha graça ? disse-me a creança vendo-me rir. O caso não é para rir.

— E quando é o dia ? perguntei-lhe.

— Hoje mesmo. Não vou para casa sem o senhor. Um carro vem nos buscar. Não ha luxo.

— Mas...

— Não ha descupas.

— E vão muitas familias ?

— As Amaral, as Brandão... pouco gente. Quero aprcsentar-lhe a minha noiva, Vai ver o prototypo da belleza.

Debalde fiz por convencer ao Luizinho, que a minha ida era uma inprudencia, que eu não onhecia ninguem. Finalmente accedi ao convite. Ia aspirar pela primeira vez na minha vida o

perfume embriagador das salas. O pai de Luizinho era rico, eu sabia, e devia festejar o anniversario do seu unico filho com alguma pompa. Que sacrificio ! Nem roupa eu tinha. Possuia apenas o terno com que sahia á rua.

Tinha talvez de corar ante a ostentação e o luxo dos outros convivas. E depois, como havia eu de fugir á minha triste solidão si ainda conservava no peito a lembrança de Eduviges ?

Não seria isto profanar o mais sagrado dos sentimentos ?

Tudo era obstaculos.

— Vou, pensei,mas volto logo.

Luizinho porém era inexoravel.

— Como ? saltou elle arqueando graciosamente os sobrecilios.

— Ha de ir e dançar ao menos uma guadrilha, a dança dos homens serios. Hei de lhe arranjar o par.

— Mas, filho....

VIII

DAVAM sete horas da noite quando uma carruagem parou na rua das Laranjeiras. A casa do doutor Siqueira era uma especie de palacete, uma das primeiras habitações do bairo.

Não é preciso descrever-te a emoção que se apoderou de mim ao ver a frente do palacete toda illuminada e sombras de pessoas a se moverem atravez as vidraças. Ouvia-se a fallaria dos convivas.

— Coragem ! disse-me o Luizinho como se comprehendesse a minha agitação.

O cocheiro abrio-nos a porta do carro e apeámos.

A calçada estava juncada de folhas verdes.

Ao parar o carro alguns curiosos correram á janella e o pai de Luizinho veio nos abrir a porta de casa.

Ignorando as conveniencias sociaes, mal eu

me podia conter em pé. Sem coragem para fitar os que me olhavam, curvei a cabeça e subi as eseadarias do palacete.

A minha cabelleira basta devia causar riso àquella sociedade avida de prazeres.

Uma velha sobrecasaca, um chapéo que de cinzento mudara-se em verde, umas calças ainda cheirando a benzina era o traje elegante com que eu ia me apresentar a familia do Luizinho. Pobre de mim! De quantos zombarias seria eu victima essa noite! Todos me olha«am espantados como si vissem em mim outro judeo errante. Muitos evitaram os meos comprimentos disfarçando a repugmancia. Boa alma, porém, era a do doutor Siqueira.

— Entre, disse tomando-me pelo braço: a casa é nossa. Não ha ceremonia; estamos em familia.

Soava o primeiro signal para quadrilha. Pouco depois começou a dansa.

— Venha, tornou-me o doutor. Vou apresentar-lhe uma dama, a filha do Commendador Amaral, conhece? Um anjo...

— Até quando durará este martyrio, meo Deos? dizia eu entre mim, lembrando-me da sorte do infeliz Beli-Beth.

— Eil-a, disse o doutor Siqueira parando

em frente a duas senhoras. D. Lucinda, accrecentou, tenho a honra de apresentar-lhe um cavalheiro para a primeira quadrilha, o senhor Eduardo, o muito illustre professor do Luizinho.

Este que até então fôra o meo advogado nos embaraços, desapparecera como um relampago : que ia mudar de traje, já voltava.

E eu indeciso, duvidoso, não tinha uma palavra com que responder aos comprimentos que me eram dirigidos.

— Minha senhora.... disse eu por fim, curvando-me respeitosamente diante da dama que me acabava de apresentar o doutor.

Passaram alguns minutos; começou a segunda quadrilha.

N'este instante um cavalheiro approximou-se de D. Lucinda conduzindo-a no braço.

Estava salva a minha penosa situação. A ingratidão d'aquella mulher fôra a minha taboa de salvação. Dansar! eu que devia estar só em casa, entregue aos caprichos de minha pobre imaginação ; que devia n'aquelle instante só pensar em Edwiges. Ir-me-ia. E que motejassem do pobre, que rissem-se a vontade ; debaixo d'aquelles andrajos occultava-se uma alma nobre, um coração immaculado — um homem de bem !

Que m'importava? Não levava a consciencia limpa? Quando é bella a alma, que importa o corpo?

Felizmente durou pouco aquelle inexprimivel mal estar. Quando o piano dava signal para a walsa eu deixava aquella casa, indifferente as supplicas de Luizinho.

IX

SERIAM dez horas quando cheguei a minha humilde habitação. A cabeça pesava-me sobre os hombros e o coração batia com violencia. Debrucei-me á janella e comecei a meditar. Já não era a imagem branca de Edwiges que me preocupava, ao contrario, havia a esquecido.

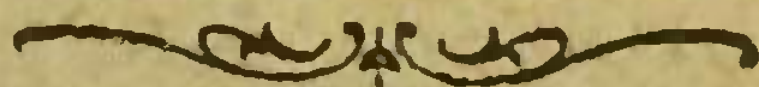
Eu mesmo não sabia que especie de melancolia era aquella de que me achava possuido.

E' verdade que o amor, essa scentelha divina, penetra em nós insensivelmente ; um olhar, um sorriso, é bastante para mudar o estado de nossa alma. Eu amaria ?

O certo é que começava a experimentar o quer que é que me trazia preocupado o pensamento e preso o coração. Uma imagem confusa

que não era a de Edwiges esvoaçava-me na mente, deixando-me triste, sem poder reconhecel-a.

Quando tornei a realidade era meia noite, deitei-me e adormeci.

X

TENHO passado peior estas ultimas noites. Têm me feito mal as tristes lembranças do passado. A saudade é uma dor e como tal tem concorrido para o aniquillamento das minhas forças, que se vão tornando bem fracas. E' uma vida estupida essa do doente, não achas? Ter a gente de passar noites inteiras sem dormir a se revolver no leito, para afinal, um bello dia vir a morte e, sem mais ceremonias, carregar-nos comsigo para onde não sei eu!

Desconfio que soffro de uma hypertrophia no coração. Os medicos hesitam em revellar-me a especie de molestia que me consome.

Mas, continuando a minha triste narração; eu amava.

E esse amor começou como todos os amores: um olhar, um sorriso e um beijo. Viviamos um para o outro, eu e a minha Lucinda.

O pai de Lucinda oppunha-se formalmente

ao nosso enlace: que eu era pobre, que não se sabia donde eu tinha vindo, um miseravel que nem tinha com que se apresentar a uma sociedade de homens de bem. Nunca! Seria entregar a sua filha á desgraça. Melhor fortuna lhe estava reservada.

Lucinda pedia-lhe, supplicava-lhe.

— Não, minha filha, um homem sem posição na sociedade é indigno de ti, um idiota, um vagabundo.

Poucas vezes nos viamos; quando isso acontecia era uma felicidade inaudita.

A's vezes acontecia trocarmos duas palavras no jardim do commendador.

— Papai sahio, dizia-me ella. Podemos conversar a vontade. Não sabes como tenho chorado... Tudo nos contraria.

— Descansa, querida, havemos de ser felizes. O amor vence todos os obstaculos...

— Felizes os que vivem juntos amando!

Era em 1865. Estava quasi terminada a guerra entre o Brazil e a republica do Paraguay. Choviam telegrammas para a capital do Imperio annunciando victorias ou derrotas do nosso lado. O nome de Barrozo, Ozorio e Caxias era repetido com enthusiasmo por todo brazileiro.

Dous sentimentos sublimes palpitavam dentro do meo coração: o amor da Patria e o amor de Lucinda.

O brilho da espada electrisava-me, o amor da Gloria pela primeira vez rebentava dentro em mim.

— E si eu fôra soldado ? disse eu uma vez a Lucinda.

— Estaria talvez morto. Nem é bom fallar....

E comtudo, preciso era que eu fosse alguma cousa para possuil-a. A guerra me fascinava; a idéa de que um dia eu podia voltar heroe arrebatava-me. Uma tarde estavamos a sós no jardim quando ella me disse:

— Sabe ? Faço annos no fim do mez. Aviso-lhe antecipadamente porque desejo uma lembrança sua, mas, uma cousa filha do seo talento. Como hei de estar alegre esse dia ! Já reparou ? Os dias aqui na corte passam depressa !... Entretanto, não ha divertimentos. Não sáio de casa durante semanas inteiras; vivo como n'um convento. Não acha que devia-me assentar a vestimenta das freiras ? Que bonito, para você soldado e eu freira, que contraste !

E ella achava muita graça n'aquillo e ria.

Esse dia quasi que não fallei; estava mais triste que do costume.

— Está tão scilencioso hoje! tornou-me Lucinda. Não parece o mesmo do outro dia. Já não falla no dia do nosso casamento...Dar-se-ha caso que esteja esquecendo a sua noiva?

Eu apenas meneiei tristemente a cabeça e beijei a sua mão que eu tinha entre as minhas.

Eram Ave-Marias quando nos separámos.

— Adeos, disse-lhe eu, suffocando os soluços.

E beijei-lhe a fronte.

— Adeos, repetio ella brandamente.

O que se passava dentro em mim n'aquelle instante ninguem o poderia saber.

Haviam-se cerrado para mim os horisontes da felicidade. Estava decidido: a vida ou a morte: a Gloria ou a Eternidade!

Entretanto, uma idéa lugubre perseguia-me. Iria commetter uma imprudencia?

A resolução que eu havia tomado não iria comprometter *alguem*? Toda a desgraça de Lucinda não estaria no passo que eu ia dar?

Todavia, era preciso esquecer tudo. E, demais, quem saberia se eu havia de ser feliz?

XI

MEO amigo, sinto profundamente não poder relatar os factos com a minuciosidade precisa. O medico sorprehendeo-me escrevendo e prohibe-me que o faça outra vez. Falta-me pouco.

Hontem quando o doutor acabava de examinar-me appareceram-me novas dôres do lado do coração. Lembrei-me de Edwiges..... dos causticos....

Continuemos, porêm, a nossa historia.

Sabes o que é a guerra, meo amigo, esse monstro que de uma vez engolle milhares de homens e de contos ?

Imagina um campo enorme onde, como na idade media, a humanidade aniquilla-se a si propria n'uma colera indomavel, em que milhares de homens misturados com outros tantos corceis precipitam-se como loucos medonhos, mor-

dendo-se uns aos outros n'uma algazarra infernal, onde a voz humana confunde-se com o relinchar do cavallo e o troar da artilheria.

Que pandemonium !

Tudo por causa de algumas braças de terra!

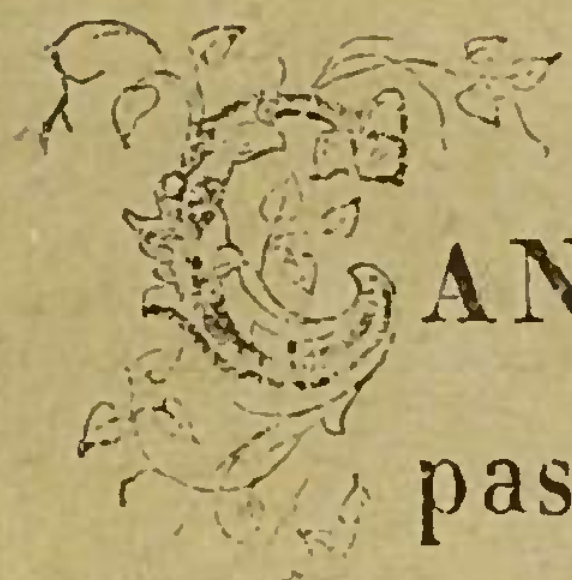
Não serei eu que te vá descrever esse acto de selvageria humana em que seria difficil distinguir o homem da féra. Apenas direi-te que ouvi sibilarem por sobre a minha cabeça balas ás mil e que fiz o que pude pela Patria. Fui sem uma ferida, voltei sem uma perna, fui com a cabeça descoberta, voltei coroado. Voltava satisfeito. No meio dos gritos de enthusiasmo a minh'alma exultava de alegria.

Restava-me procurar Lucinda e dizer-lhe : Já não sou o mizeravel que seu pai despresava, sou o heroe que o mundo admira, ès minha !

Eu fôra bastante ingrato para Lucinda; partira sem lhe dizer para onde, apenas lhe dissera adeos. Portanto pesava-me no coração a lembrança de que ella podia ter me esquecido.

Cumpria-me pedir-lhe mil perdões,ajoelharme a seos pés coberto de glorias e cicatrizes e dizer-lhe:

— Perdôa, mas, eu te amava muito para dizer-te que ia luctar por tua causa !

XII

CANÇADO ainda dos largos e penosos dias passados no acampamento; o corpo cheio de fadigas reclamando repouso, o meo primeiro cuidado ao voltar a côrte foi tornar a casa de Lucinda. Tinha pressa em dizer-lhe tudo, queria finalmente provar a seo pai que ás vezes sóe aos miseraveis serem heróes.

Pobre, sem uma perna, a vista meio obscurecida pela polvora, custou-me bem chegar a rua de.....

Qual não foi, porém, o meu espanto qnando ao parar em frente ao jardim, aquelle mesmo portão de ferro onde d'antes ella iá esperar-me á tardinha, disseram-me :

— O Commendador mudou-se.

Indaguei para onde poderia mudar-se o pai de Lucinda, fiz tudo para isto, mas, como que o impossivel perseguia-me.

Eu olhava o sitio das minhas confidencias amorosas, como quem vê desapparecer a ultima esperança.

Era forçoso resignar-me.

XIII

UM domingo, não sei por que fatalidade ou acaso, dei commigo em Santa Thereza. Havia festa no convento. Entrei na igreja. O templo é a habitação do mendigo.

Os altares illuminados misturavam a sua luz morna á luz pallida do crepusculo vespertino ; as irmãs entoavam uma oração cheia de uncção religiosa, confundindo a sua voz melodiosa com a do orgão que as acompanhava.

Eram Ave-Marias.

Ajoelhei-me curvando respeitosamente a cabeça descoberta e orei.

Absorto nas minhas preces, pareceo-me distinguir entre o côro das irmãs uma voz somnolenta que echoava no meu coração como os sons longinquos de uma harpa santa tangida por mãos de seraphins. Julguei-me por um instante

no céo. E mais aquella voz se accentuava, mais uma tristeza immensa ia me dominando, até que involuntariamente chorei. O pranto é necessario a certas almas.

O que havia de extranho n'aquella voz que me commovera até as lagrimas não te sei dizer.

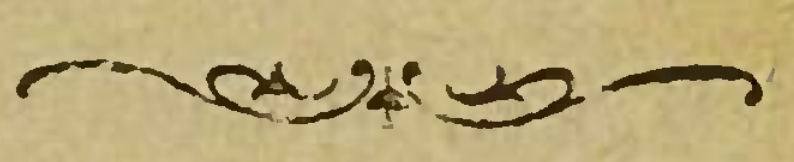
Entretanto, uma cousa me dizia internamente: aquella voz é a de um anjo que tu amaste na terra e que voou para o céo.

N'essa epocha eu morava n'uma insignificante casinha de uma das ruas mais pobres do Rio de Janeiro que os poucos amigos que eu possuia faziam a caridade de m'a pagar. Foi ahi que eu cheguei, já de noite.

E' facil imaginar o estado do meu espirito ao ver-me só no leito, abafando os soluços no travesseiro.

— Ella! pensava eu. Tanta dôr, tanto amor para que?...

Tudo se havia acabado entre mim e ella!

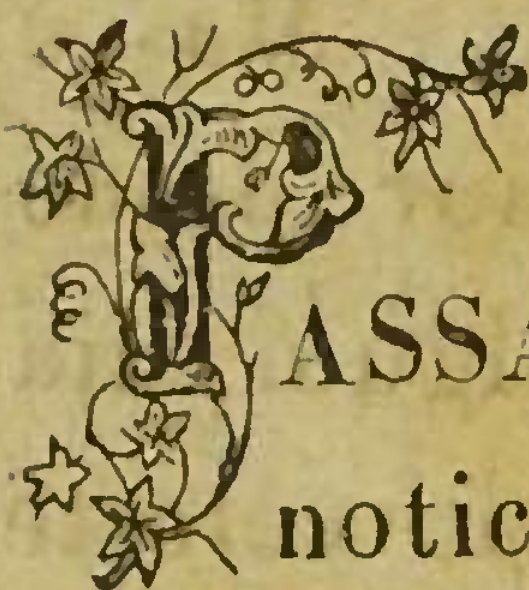
No meio d'aquella agonia que me matava, tomei de uma penna e escrevi. Hoje arrependo-me profundamente de o ter feito. Uma carta ás vezes fere como um punhal! Eis o que eu escrevi com mão tremula:

« Lucinda.

« Esta carta é ao mesmo tempo um soluço e um adeos. Perdôa-me como santa que és si eu fui a causa dessa tua clausura.

Eu julgava que a Gloria podesse compensar a pobreza, por isso parti sem te dizer nada. Amo-te mais do que nunca, Lucinda! Mas é preciso esquecer, concentrar esse amor desde que tudo entre nós acabou-se. Si algum dia nos virmos ainda, ha-de ser na mansão celeste dos anjos, lá onde existem todas as felicidades.

Adeus!

Teo — Eduardo».

XIV

PASSARAM muitos dias sem que eu tivesse noticia de Lucinda.

Outro dia tornando aa convento de Santa Thereza, as irmãs resavam o *De profundis*. Mas, entre tantas vozes doces e commovedoras já eu não ouvia aquella que me abalara tão profundamente no dia da festa.

Perguntei si havia morrido alguem.

— Sim, disse-me uma irmã. Morreu a menina Lucinda.

. . . .

Eis ahi meu amigo tudo quanto eu te occultava; eis ahi como desappareceram de sobre a terra as duas mulheres que eu mais amei n'este mundo: — Edwiges e Lucinda, a virgem e a prostituta,

Adeus. Pede a Deus por alma do teu amigo que está quasi a soltar tambem o seu ultimo suspiro.

A......

Rio, Outubro de 1887.

LEITOR

Isto que acabas de ler e que eu, muito á minha vontade, intitulei—contos, mas, que classificarás como melhor entenderes, essas paginas innocentes e sem pretenção a nenhum logar por mais modesto que seja na litteratura brazileira, foram escriptas ha dois annos e em menos de um mez. Tinha eu então desoito annos. O tempo em que foram escriptas e a idade do author farão, espero, com que de coração perdôes os senões que ellas encerram. Encontraste, eu sei, erros de linguagem que eu não me dei ao trabalho de corrigir porque como o poeta

«....odeio o pó que deixa a lima
eo tedioso emendar que gela a veia!»

Ha tambem muito sentimentalismo e talvez exagerada tristeza n'essas paginas; mas, que queres? A lingua ainda se corrige, mas, a alma? Não; é sempre a mesma, bôa ou má. Muita gente entende que a vida é uma eterna gargalhada, uma comedia; eu não. Penso como o author d'aquella oração que todos nós apprendemos em criança: a vida é um valle de lagrymas Peior para mim, paciencia. Emquanto os outros riem eu vou banhando com as minhas lagrymas os berços e os tumulos.

Mas, voltando atraz, dizia eu que encontraste muito erro de linguagem e muito sentimentalismo no correr da tua leitura, mas, sobretudo encontraste muito erro typographico, não é assim, leitor?

Disto então está cheio o meu pobre folheto. Não ha talvez uma só pagina onde não se tenha trocado pelo menos um *a* em *o*. São encorrigiveis esses typographos! Si a gente não tomar cuidado são capazes de fazer de uma obra d'arte um.....não sei que diga.

Isto faz me lembrar aquelle medico da Bahia que escrevendo: *usa-se uma muleta*, vão os typographos e trocam muleta por mulata. E' bôa!

Comtudo, para salvar as apparencias ahi vão abaixo umas.

ERRATAS

PAGS.	LINH AS	ERROS	EMENDAS
7	1ª	Il'ya	llya
10	1ª	à Matriz	na Matriz
13	10	á varanda	ã varanda,
16	3ª	roxinóes	rouxinòes
20	11	A cabeceira	A' cabeceira
20	43	mastigava e lia	mastigava, e lia
23	27	pretence	pertence
28	15	as moças	ás moças
29	18	muito	muitas
32	8ª	de	da
32	9ª	de	da
33	13	viu	vira
38	14	resmugando	resmungando
39	1 9	Padre nosso	Padre-Nossos
39	12	diversas	diversos
37	17	infrenes	infrenes
39	23	dirigiam-se	dirigiram-se
40	1ª	o coração	no coração
42	5ª	á sacada	a sacada
42	19	imagem	imagens
43	18	Si juntava	Si jantava
42	18	Cavalheiro	Cavalleiro
51	9ª	meias palavras	meras palavras

PAGS.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
62	4ª	dava-lhe	davá
70	2ª	Pareeia-lha	Parecia-lhe
71	18	de benze-se	de benzer-se
76	10	nas pampas	nos pampas
77	6ª	Chegado á hora	Chegada a hora
79	27	que dia dar	que ia dar
80	13	hyno	hyena
101	16	Alberto	Edmundo
162	18	Alberto	Edmundo